U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Entre fragmentos

Residência de estudantes enquanto elemento de integração, no baluarte, da frente ribeirinha de Setúbal

Marta Silva Pereira

Projecto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientação Científica

Professor Doutor Pedro Rodrigues

Júri

Presidente Professor Doutor Paulo Almeida

Vogal Professora Doutora Ana Marta Feliciano

Vogal Professor Doutor Pedro Rodrigues

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Fevereiro, 2024

Entre fragmentos

Residência de estudantes enquanto elemento de integração, no baluarte, da frente ribeirinha de Setúbal

Marta Silva Pereira

Projecto Final de Mestrado

para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientação Científica

Professor Doutor Pedro Rodrigues

Lisboa, FA ULisboa, Fevereiro, 2024

RESUMO

A frente ribeirinha de Setúbal constitui um elemento barreira que separa a cidade do rio Sado. O processo de desindustrialização da margem provoca a desactivação desta zona que, pelo seu carácter menos nobre e operacional, não assegurava condições viáveis à vivência da população. Embora se tenham realizado planos de regeneração deste espaço, ainda é composta, em certas áreas, por edifícios devolutos e vazios urbanos que reflectem uma imagem pouco coerente e desarticulada fase à cidade consolidada.

O desenvolvimento da proposta arquitectónica visa em colmatar as problemáticas e carências da área afectada, procurando reintegra-la na cidade de modo a potenciar uma zona de excelência da cidade.

Neste sentido, introdução de uma residência de estudante no interior do baluarte do Livramento e a requalificação do seu espaço envolvente permitirá restabelecer e fortalecer a relação da cidade com o rio e fomentar a vivência pública do lugar.

PALAVRAS-CHAVE

Setúbal | Baluarte do Livramento | Residência de estudantes | Vazios Urbanos | Memória

ABSTRACT

Setúbal's waterfront is a barrier that separates the city from the Sado river. The process of deindustrialization of the waterfront led to its abandonment given that the less valuable and operational nature of the area, it did not provide viable living conditions for the population. Although plans have been developed to regenerate this area, particular places are still made-up of vacant buildings and urban voids, that set an image of a less coherent and disjointed territory when compared to the consolidated city.

The development of the architectural proposal aims to address the problems and shortcomings of the affected area, seeking to reintegrate it into the city to enhance an area of excellence in the city.

To this end, the introduction of student halls of residence inside the Livramento bastion and the requalification of its surroundings aims to re-establish and strengthen the city's relationship with the river and to foster a public experience on this site.

KEYWORDS

Setúbal | Baluarte do Livramento | Student Residence| Urban Voids| Memory

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pela motivação e apoio incondicional. Por sempre me encorajarem a seguir os meus interesses.

Ao meu irmão pelo companheirismo e positivismo.

Às minhas primas pela força e por me fazerem acreditarem nas minhas capacidades.

Aos amigos pelos momentos partilhados e entreajuda.

Ao professor Pedro Rodrigues pela orientação, pelos conhecimentos transmitidos e pelo acompanhamento ao longo destes meses.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1| Porto de Setúbal e muralha medieval, 1634 13
Figura 2| Ponte da Ribeira do Livramento 14
Figura 3 |Muralha Seiscentista 16
Figura 4| Antigo Mercado de Setúbal, 1918 20
Figura 5| Mercado do Livramento,1937 (Edifício actual) 20
Figura 6| Plano Geral de Urbanização de Setúbal 1944 22
Figura 7| Plano Geral de Urbanização de Setúbal 1955 24
Figura 8| Plano Geral de Urbanização de Setúbal 1962 24
Figura 9| Ilustração Economia de Setúbal 26
Figura 10| Frente ribeirinha de Setúbal, 1928 29
Figura 11| Baía de Setúbal, 1961 30
Figura 12| Estaleiro naval LISNAVE, Mitrena 30
Figura 13| Plano pormenor Programa POLIS 35
Figura 14| Planta Doca Delpeut 36
Figura 17| Setúbal 1924 38
Figura 16| Setúbal 1900 38
Figura 15| Setúbal 1834 38
Figura 18| Frente ribeirinha de Setúbal (actualidade) 39
Figura 19 Evolução da linha de costa de Setúbal 39
Figura 19| Evolução da linha de costa de Setúbal 40
Figura 20| Secção Muralha Abaluartada 41
Figura 21| Projecto para a construção de uma cortina e de um cais, 1860 41
Figura 22| Doca Delpeut, 1903 42
Figura 23| Baluarte do Livramento 1930 42
Figura 24| Insignificância do Baluarte face às estruturas que se sobrepõem 43
Figura 26| Rasgo da muralha para abertura de um portão 43
Figura 25| Vazio Residual convertido num estacionamento automóvel 44
Figura 27| Fachada sul 59
Figura 28| Corredor de distribuição e espaço de estudo à direita, 2021 59
Figura 29| Esquema do tipo de espaços 60
Figura 30| Planta piso tipo 60
Figura 31| Percurso de acesso aos quartos que evidencia a relação entre a muralha e o volume da pousada 61
Figura 32| Relação entre pré-existente e nova intervenção 61
Figura 33| Campo das cebolas, vista aérea 62
Figura 35| Muro e escada do antigo cais 62

Figura 34| Praça e zonas verdes 62
Figura 36| Local de intervenção 65
Figura 37| Proposta de intervenção urbana 67
Figura 38| Estudo para o novo volume a nascente da praça (Edifício do Pingo doce) 67
Figura 39| Maquete de estudo Actualidade 67
Figura 40| Maquete de estudo Proposta Urbana 67
Figura 41| Maquete de estudo Envolvente exterior do baluarte 68
Figura 42| Corte de estudo da relação dos espaços verdes no interior do baluarte, com a muralha e a residência de estudantes 68
Figura 43| Maquete de estudo da posição dos módulos dos quartos (cubo esferovite) e relação com a envolvente 69
Figura 44| Maquete de estudo, rampa de entrada para a residência 69
Figura 45| Maquete de estudo Entrada da residência 70
Figura 46| Estudo da posição dos quartos de modo a permitir a entrada de luz no corredor central 70
Figura 47| Maquete de estudo da relação do volume com o baluarte do livramento 71
Figura 48| Planta de estudo do volume da residência. Relação estrutura-quarto 72
Figura 48 Planta de estudo do volume da residência. Relação estrutura- quarto 72
Figura 49| Planta Piso 1 72
Figura 50| Planta piso 0 73
Figura 51| Planta Piso -1, piso espaços comuns 73
Figura 52| Planta aproximada das zanas de refeição 74
Figura 53| Cortes exploratórios 74
Figura 54| Estudo do Alçado Nascente 74

Índice

Resumo V

Abstract VII

Agradecimentos IX

Índice de figuras XI

01|Introdução 1

1.1| Enquadramento temático 3

1.2| Objectivos 4

1.3| Metodologia 5

1.4| Estrutura e organização 6

02|Setúbal 9

2.1| Desenvolvimento histórico e urbano 12

2.1.1| Aglomerado, Vila e Cidade 12

2.1.2|Cidade industrial 25

2.1.3| Cidade Contemporânea 33

2.2| A frente ribeirinha 36

2.2.2| O Baluarte 40

03|O vazios na cidade 45

3.1| As formas do vazio 47

3.2| Memória, lugar e herança cultural 50

3.3| Pensar o vazio 53

04|Projectos de referência 57

4.1| Residência universitária do Pólo da Ajuda 59

4.2| Pousada da Cidadela de Cascais 61

4.3| Campo das Cebolas, Lisboa 62

05|Viver o Baluarte 63

5.1| Regeneração do vazio na margem do rio 65

5.2| Viver o baluarte 68

06|Considerações finais 77

Bibliografia 81

Anexos 87

01|

INTRODUÇÃO

01| INTRODUÇÃO

1.1| ENQUADRAMENTO TEMÁTICO

A presente Proposta Final de Mestrado tem como área de estudo a frente de rio da cidade de Setúbal, um aterro planeado como resposta à necessidade de expansão e desenvolvimento industrial da cidade, com principal interesse no local ocupado pelo Baluarte da Nossa Senhora do Livramento, um monumento histórico de enorme relevância, actualmente em ruína.

Contextualizando geograficamente, a península de Setúbal situa-se imediatamente a sul do distrito de Lisboa, emoldurada no extremo norte pelo rio Tejo, a sul pelo rio Sado e a oeste pelo oceano Atlântico. No entanto, a cidade de Setúbal partilha somente a sua margem com o rio Sado, junto à sua foz. Emergindo de uma linha de água, a cidade aparece encaixada no vale entre a Serra da Arrábida, a poente, o planalto de São Sebastião, a nascente (Santos, 2005).

Setúbal, uma cidade ribeirinha, manteve uma forte ligação com o Sado, tendo vivido consoante o seu ritmo, sensivelmente, até ao final do século XX. Porém, esse vínculo, não evoluiu mais para além de uma relação económica e laboral, aliada a uma vertente de dependência e principal fonte de sustento e rendimento, conferindo à frente de rio um carácter exclusivamente operacional e industrial. “O rio era, então, fonte de riqueza e de esforço quotidiano, e não de lazer e bem-estar” (Pereira, 2007) o que resultou no afastamento da restante população, que virou as costas ao rio.

Embora se tenha verificado, no final do século XX, um período de desindustrialização e deslocação de indústrias em actividade para montante, a libertação da frente não incentivou a dinâmica e relação cidade-rio. Apesar dos inúmeros estudos e planos elaborados para a requalificação e aproveitamento da zona ribeirinha, estes nunca chegaram a ser executados por completo e, portanto, o processo de retirada e abandono das infra-estruturas industriais provocou a desocupação e degradação da área, sendo composta, ainda hoje, por uma grande variedade de edifícios devolutos e vazios urbanos expectantes. Consequentemente, surgem situações de fronteira e desconexão urbanas que perturbam a proximidade do núcleo histórico ao rio, e impedem a existência de uma coerência morfológica na própria frente, transmitindo a ideia de fragmento desarticulado.

1.2 | OBJECTIVOS

Pretende-se com este trabalho demonstrar o potencial desta centralidade à beira-rio, mediante a proposta de um objecto arquitectónico, como elemento de integração e requalificação urbana, que procure reaver e preservar a memória e a identidade do local, bem como a valorização do seu património.

A proposta a desenvolver consistirá em reforçar o diálogo com o centro histórico através da criação de uma praça em conjunto com a reabilitação do Baluarte do Livramento, no interior do qual será introduzida uma residência estudantil, de apoio ao Instituto Politécnico de Setúbal.

Procurar-se-á compreender as particularidades do local e suas problemáticas, reflectindo sobre o conceito do Vazio Urbano e suas dimensões, com o objectivo de recuperar a vivência pública e cultural do lugar, fomentando novas dinâmicas num espaço presentemente descontextualizado.

1.3|METODOLOGIA

Seguindo uma metodologia de estudo de caso, o trabalho será desenvolvido através da análise de informação recolhida de diferentes fontes com o intuito de adquirir um conhecimento mais alargado e específico sobre as temáticas em estudo.

O documento é composto por dois segmentos articulados, uma parte teórica e outra prática, dedicada à componente de projecto. Ambas foram elaboradas paralelamente, tendo em vista a criação de um diálogo coerente entre os conceitos explorados teoricamente e a linha de pensamento projectual.

Numa fase inicial recorreu-se à visita ao local de intervenção, fundamental à percepção das características morfológicas, das relações de escala urbana, dos elementos de força e situações de carência e problemáticas existentes, ao nível do edificado como também da vivência social do próprio território. O seu entendimento permitiu actuar sobre o espaço de forma inclusiva, respeitando as pré-existências de relevância cultural.

A segunda fase consistiu na pesquisa de bibliografia, fotografias, cartografia e plantas referentes à evolução histórica

da área em em estudo. Procurou-se compreender os processos de crescimento e os períodos mais relevantes que construíram e se encontram presentes na imagem da actual cidade.

Seguidamente, procedeu-se à consolidação dos conceitos de interesse e que influenciam directamente a concepção do projecto de arquitectura. Entender a condição da cidade contemporânea e especificas ao lugar a intervir, nomeadamente os seus vazios expectantes, suas características, qualidades e potencialidades, e as questões do valor do património e de memória.

Por último, será com base no enquadramento teórico prévio e investigação programática que se desenvolver-se-á a componente projectual da proposta.

1.4| ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO

A estrutura do trabalho divide-se por uma componente teórica e uma componente prática, desenvolvidas em paralelo e organizadas da seguinte forma:

A componente teórica corresponde à abordagem inicial do trabalho, a qual demonstra o raciocínio adoptado para a fundamentação da proposta de projecto. Desenvolve-se em três capítulos: *Setúbal; Os vazios na cidade;* e *Projectos de referência.*

No capítulo 2, *Setúbal,* procurou-se conhecer o passado histórico da cidade, o seu desenvolvimento urbano, cultural e social, elementos e eventos mais marcantes, de modo a compreender melhor a evolução do seu traçado e da vida presentes, tendo especial atenção para a frente ribeirinha e para

a muralha abaluartada, um monumento de interesse patrimonial.

O capítulo 3, *Os vazios na cidade*, sustenta o conceito do vazio no contexto da cidade contemporânea, nomeadamente aqueles que se apresentam residuais e expectantes. A intenção surge com a vontade de compreender a dimensão e o valor destes espaços que embora vazios, encontram-se preenchidos enquanto associados a uma memória desse lugar, essencial à construção da identidade do mesmo.

No capítulo 4, *Projectos de referência*, serão apresentados três projectos que constituíram base para o desenvolvimento da solução arquitectónica a propor.

O capítulo 5, *Viver o Baluarte*, diz respeito à componente projectual. Consiste numa memória descritiva da proposta, onde se reflectem as intenções que tiveram como base as análises e pesquisas realizadas nos capítulos anteriores.

Finalmente, o capítulo das considerações finais será uma síntese de comparação da solução arquitectónica proposta face às premissas iniciais que se procuraram responder.

02|

SETÚBAL

02| SETÚBAL

A imagem da cidade é mutável, decorre das suas características formais, aliadas ao modo como os habitantes vivem e ocupam o espaço urbano. A alteração da sua forma deriva das necessidades evolutivas dos diferentes períodos históricos, bem como dos eventuais desastres naturais, que inesperadamente têm uma acção destruidora. Pontuada por edifícios de diferentes épocas são perceptíveis as camadas históricas do seu desenvolvimento, que no fundo, são elementos de referência e memória. Contudo, é importante referir que, a perda, voluntária ou involuntária, do património transfigura a essência da própria cidade, alterando a sua identidade.

Setúbal é uma cidade com carácter, caracterizada pela sua singular localização geográfica, distinta morfologia urbana e pelo vasto e marcado registo histórico, caracterizado pelo seu extenso e rico período comercial e industrial. Um centro urbano de excelência e um objecto de estudo com relevância.

Os seguintes subcapítulos incidem sobre o crescimento da cidade de Setúbal, desde os primeiros assentamentos até à actualidade.

2.1| Desenvolvimento histórico e urbano

2.1.1| Aglomerado, Vila e Cidade

A fixação humana junto à foz do rio Sado, acontece pelas condições naturais de excelência do território, constituído pela Serra da Arrábida, os vales e colinas adjacentes, complementados pela riqueza do estuário e da proximidade ao Atlântico.

Segundo diversas intervenções arqueológicas, a civilização Romana ocupa a baía de Setúbal entre os séculos I e V, a nascente do actual centro histórico, mais precisamente, na colina de Santa Maria. A cidade, denominada de *Caetóbriga*[1], era composta por três núcleos, residencial, comercial e industrial, tendo como principal actividade a produção e exportação de preparados de peixe, complementada pela indústria da salicultura e do fabrico de cerâmicas (ânforas). O século III marca o período de decadência do império Romano, sendo que, a partir do século V, novos povos se apoderam do território, até que finalmente, os Muçulmanos o ocupam do século VIII ao XIII, estabelecendo-se no topo da serra.

A Vila de Setúbal

Após a reconquista cristã do território (1165), o primeiro registo atribuído ao povoamento de "Setúbal" tem data de 1235, descrevendo que a vila "não passava de uma aldeia de pescadores, do termo de Palmela" (Tomé, 2016). Contudo, rapidamente se torna num dos importantes portos do país, juntamente com Lisboa, Porto e Faro, adquirindo, em 1249, o

[1] TOMÉ, Manuela – *Topologias e Tipologias Arquitectónicas*, 2016, p.23
"Foi o mais importante centro industrial de salga de peixe do ocidente peninsular (…)"

estatuto de concelho. O século XIII ficou caracterizado como um período de prosperidade para a vila de Setúbal, onde se verificou um crescimento demográfico e económico significativos, impulsionados pela prática da pesca e conserva do peixe, salicultura e pela actividade mercantil que dai proveio[2].

A configuração da urbe começa a expandir-se e, limitada pela topografia e rede hidrográfica envolvente, desenvolve-se ao longo do rio com os seus principais eixos de circulação a tomarem o sentido nascente-poente. A intensificação do fluxo marítimo na barra de Setúbal, obrigou à construção da primeira cintura muralhada[3], com o intuito de proteger a vila, que 1adquiria cada vez mais projecção, sendo necessário haver um controlo fiscal do tráfego marítimo e terrestre. O florescer de novas dinâmicas, aumenta a importância do pequeno aglomerado, ao qual é conferido, em 1343, a delimitação do seu próprio território, até então cingida ao edificado construído.

Consta que a estrutura defensiva apresentava a forma de um rectângulo irregular, com orientação nascente-poente, pontuada com 12 torrões, quadrangulares e dois hexagonais, "dos quais resta a Torre do Livramento, junto à ribeira que lhe deu o nome" (Tomé, 2016). Dispunha de um número considerável de portas, adicionadas consoante as necessidades da vila se abrir para os arrabaldes e para a praia, sendo a Porta da Ribeira a abertura principal e mais importante, pois fazia a ligação entre a praça do castelo e a frente de rio. Intramuros, a

Muralha Medieval

1ª Linha de Muralha

Período de construção 1325-1375
Séc. XIV



Figura 1| Porto de Setúbal e muralha medieval, 1634

(Tomé, 2016, p. 61)

[2] TOMÉ, Manuela – *Topologias e Tipologias Arquitectónicas*, 2016, p.24 "A povoação afirmou-se à escala exterior europeia, no séc. XIII com a produção de sal"

[3] ARU Setúbal (2017) p.33 "A delimitação da muralha medieval encontra-se praticamente toda justificada pelos próprios acidentes naturais do território: a norte e a poente pela Ribeira do Livramento, a sul pela praia e o rio e a nascente pela Ribeira de Palhais."

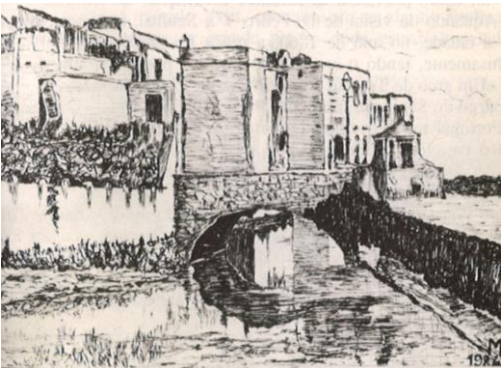


Figura 2| Ponte da Ribeira do Livramento

(Quintas, 1993)

estrutura urbana tinha uma organização, na sua maioria, ortogonal com excepção de alguns quarteirões de desenho mais orgânico (Malheiro, 2018), com ruas estreitas e sinuosas. Era constituída por dois núcleos religiosos, igreja de Santa Maria e São Julião, sedes de freguesia, as quais deram origem ao principal eixo de circulação, a Rua Direita, e pelos núcleos residencial, financeiro e administrativo. A vivência no seu interior é retractada como multicultural, uma vez que coexistiam grupos de diferentes etnias, estratos e condições sociais, como mouros e judeus.

Parte da estrutura medieval resistiu até aos dias de hoje, deixando a marca de um importante período histórico de Setúbal. A imagem da antiga vila valoriza e caracteriza a imagem da actual cidade, onde está concentrada parte da sua identidade cultural (Tomé, 2016).

Descobrimentos Portugueses

Séc. XV e XVI
Intensificação da produção e comercialização de sal e pescado

A época dos descobrimentos é o período de grande expansão comercial e de desenvolvimento urbano para a vila de Setúbal. Caracterizado pela restruturação e melhoramento da vivência pública, destacam-se a construção do Aqueduto de Setúbal, a construção de pontes[4], pavimentação de ruas e o alargamento do Largo do Sapal[5], para o qual é transferida a função de centro urbano e administrativo, com a denominação de principal espaço público da urbe, anteriormente atribuído à Praça do Castelo[6]. Consolidado o núcleo intramuros, a

[4] Ponte da N. S do Livramento

[5] O alargamento do Largo do Sapal decorre da demolição de alguns edifícios em prol de novas construções, Paços do Concelho, Paços do Trigo, Açougues, capazes de integrar funções de maior importância.

[6] TOMÉ, Manuela – *Topologias e Tipologias Arquitectónicas*, 2016, p.70
Também denominada de Praça da Ribeira. Até ao séc. XVI a praça da Ribeira era um espaço com funções políticas, judiciais, comerciais e cívicas. "Era nesta Praça que era vendido o pescado, em frente à Porta da Ribeira, e também todo o tipo de transações comerciais, (…)"

necessidade de crescimento exigiu a demolição de vários troços da muralha, o que levou ao assentamento extramuros[7]. Nasceram fora do limite da mesma, em 1553, os arrabaldes de Palhais, a nascente, junto da igreja São Sebastião, e do Troino, a poente, onde já havia sido construída a igreja da Nossa Senhora da Anunciada (Tomé, 2016).

A influência das relações comerciais, nacionais e internacionais estabelecidas durante o século XVI, permitem que a vila adquira um estatuto de prestígio, traduzido na atribuição do título de "Notável Vila" pelo rei D. João III. Apesar da enorme prosperidade, o séc. XVI termina sob o domínio filipino, responsável pela regressão da dinâmica económica e pelo posterior estado de crise.

Muralha Seiscentista

2ª Linha de Muralha

Período de construção 1642-1696
Séc. XIV

A restauração da independência é finalmente conseguida em 1640, pelo que surge a necessidade de reforçar a protecção do burgo, implementando um novo sistema defensivo. A fortificação militar abaluartada, da autoria do engenheiro Jean Gilot, constituiu a nova linha muralhada, que abrigava todo o centro urbano e os seus arrabaldes, exteriores à estrutura defensiva medieval, aquela que acabou por perder importância com a nova intervenção. O seu desenho corresponde a uma estrutura irregular rectangular, composta por dez baluartes e dois meios baluartes[8] de configuração pentagonal, com

[7] ARU Setúbal (2017), *p.33* "O desenvolvimento económico acentuado, baseado nas atividades piscatórias e na exploração e comércio de sal, proporciona uma expansão contínua da vila, que, naturalmente, se desenvolve no exterior das muralhas, mais precisamente para nascente e para poente, sempre com estreita ligação ao rio e suas atividades"

[8] TOMÉ, Manuela – *Topologias e Tipologias Arquitectónicas*, 2016, p.95, 98, 222
"… uma estrutura com doze baluartes e meios baluartes: Baluarte de S. Francisco; Baluarte de S. Brás; Baluarte de Nossa Senhora do Carmo [atual Baluarte do Livramento]; Baluarte de Nossa Senhora da Conceição; Meio Baluarte das Fontainhas; Meio Baluarte de S. Domingos; Baluarte de S. João, (…), Baluarte de Santo António;



Figura 3 |Muralha Seiscentista

(Tomé, 2016, p. 61)

dimensões e formas distintas, construídos conforme a topografia do local de implantação. Na sua totalidade, existiam 8 pórticos, que comunicavam com a envolvente e com o rio: quatro a norte, dois a sul e dois para poente. A malha urbana dentro da muralha também sofreu algumas alterações, marcadas pela ortogonalidade dos quarteirões, o prolongamento da rua Direita para nascente e poente, em direcção aos bairros de Palhais e do Triono, e pela restruturação do elemento praça, que passou a ser entendida como um espaço de excelência, "trabalhadas com elementos de monumentalidade ornamental" (Tomé, 2016).

Todavia, o sistema defensivo não estava cingido somente à estrutura abaluartada, tendo sido construídos, como reforço complementar, cinco fortes[9] ao seu redor. Setúbal afigurava uma vila intangível. O aglomerado urbano fica contido, até ao séc. XIX, dentro do limite da muralha seiscentista, período correspondente a um grande surto demográfico, aliado ao início da fase industrial, que, consequentemente, altera a estrutura urbana da vila.

Actualmente, tal como a primeira muralha, ainda é possível encontrar vestígios da maioria dos baluartes, embora num estado degradado e desconectados. A estrutura renascentista lembra o período de afirmação da vila enquanto potência independente e internacionalmente (re)conhecida, correspondente a uma época de grande prosperidade, em que o

Baluarte de Nossa Senhora do Socorro; Baluarte de Jesus; Baluarte de Nossa Senhora da Anunciada; Baluarte da Nossa Senhora da Saúde e Baluarte de Santo Amaro,"

[9] TOMÉ, Manuela – *Topologias e Tipologias Arquitectónicas*, 2016, p.95
"Foi também previsto o reforço complementar a esta muralha com o Forte S. Luís Gonzaga, (…) Forte Estrela, (…) Forte de Nossa Senhora da Arrábida, o Forte de Albarquel, o Forte do Outão"

porto de Setúbal era o segundo mais importante do país, depois de Lisboa.

"A prosperidade de Setúbal continuava no séc. XVIII, baseada numa economia salineira, (…) piscícola, (…), e nas transações portuárias, até à interrupção abrupta sofrida pelo terramoto de 1755."

(Tomé, 2016: 129)

Os Terramotos

O terramoto de 1755 deu origem a um período de enorme instabilidade e sofrimento para a povoação setubalense. A mortalidade foi significativa e a actividade piscatória, principal fonte de sustento, impossível de ser mantida. A vila ficou em escombros, destruída pela força da água e do fogo, que se seguiu. Os campos agrícolas, a norte da muralha, ficaram inundados, os edifícios arruinados e parte da estrutura defensiva[10], especialmente a sul, severamente arrasada. O aqueduto ficou extremamente danificado bem como a maioria das igrejas, mosteiros e conventos, que acabaram por perder as suas funções, sendo os mais afectados os bairros do Troino e das Fontainhas. Marquês de Pombal procedeu com a reconstrução da vila, embora sem plano urbano evidente e através dos impostos cobrados aos habitantes, que iniciaram a reedificação da estrutura urbana.

A Cidade de Setúbal

Foi um período longo, mas a vila conseguiu retomar as suas principais actividades e restabelecer a sua dinâmica comercial e social, "(…) tornando-se, no séc. XIX, num dos mais importantes centros comerciais do país, (…)" (Tomé, 2016:129),

[10] TOMÉ, Manuela – *Topologias e Tipologias Arquitectónicas*, 2016, p.142
"(…) o forte da N. S do Livramento ficou totalmente arruído (…)"

culminando na sua elevação a cidade, em 1860. No entanto, em 1858, novo sismo abala a vila de Setúbal, causando tanta destruição e sofrimento quanto o desastre de 1755. Ambos os acontecimentos interromperam uma importante fase de prosperidade para o burgo que, juntamente com a perda patrimonial, afectaram a imagem da cidade.

"Aspirava-se por uma evolução que em nome do progresso civilizacional teria repercussões, (…), urbanísticas (…), que viriam alterar a forma estrutural da imagem da cidade."

(Tomé, 2016:140)

Período da Regeneração

Séc. XVIII e XIX

O ouro vindo do Brasil acentuou o poder económico do país, algo que se reflectiu na promoção de grandes obras direccionadas para o desenvolvimento artístico e cultural da vila. Surgem, no final do séc. XVIII, construções de carácter nobre, nomeadamente casas apalaçadas[11], sendo algumas brasonadas e, no séc. XIX, edifícios de carácter cultural, como os teatros, e ao nível da classe social, as associações e clubes recreativos.

Evolução do espaço público

A elevação a cidade reforça a transformação e valorização do espaço público.

O processo de melhoramento urbanístico, séc. XIX, também compreendia a valorização do espaço público, local direccionado à vivência social e às actividades de lazer. O novo alargamento da praça do Sapal[12] (1835) dá início a este período de renovação urbana, seguido pela transformação do Campo do Bonfim no primeiro passeio público e, mais tarde, a criação do

[11] TOMÉ, Manuela – *Topologias e Tipologias Arquitectónicas*, 2016, p.137-138

Palácio Feu Guião, Palácio Salema, Palácio dos Chatillons

[12] Adquiriu a denominação de Praça do Bocage em 1865, actual denominação

Passeio do Lago no bairro do Troino. Foram ainda realizados dois aterros, ambos entre os Baluartes na N. S da Conceição e do Livramento, o primeiro (1848-49) junto à muralha medieval, que abriu o espaço para o trouço inicial da avenida da Praia[13], o qual daria lugar ao jardim central da cidade, e o segundo (1870), que excedeu o limite da muralha seiscentista, constituindo a recente zona urbana, subdividida ortogonalmente por 6 quarteirões[14], onde iriam ser construídos edificações de referência da cidade.

Em meados do século, principia o período industrial, com a abertura das primeiras fábricas[15] e o desenvolvimento de novas vias de comunicação, como a introdução da linha férrea, em 1861, e dos transportes fluviais, em 1867, bem como a implementação de equipamentos complementares, como o Mercado da N. Sª do Livramento[16] edificado em 1876, sendo posteriormente demolido e substituído pelo actual edifício do Mercado, em 1927. O séc. XIX termina com a intensificação da indústria conserveira que passa a constituir a principal actividade da cidade.

[13] Adquiriu a denominação de Avenida Luísa Todi em 1895

[14] ORU Setúbal, 2017 p.38
"A protagonista destes novos loteamentos é a habitação burguesa, com novas tipologias desafogadas e implantações generosas, em clara contradição com as dimensões da cidade piscatória e operária."

[15] Fábricas de Conservas e a Fábrica do Gás (1863), responsável pela iluminação pública

[16] Construído dentro do Baluarte do Livramento



Figura 4| Antigo Mercado de Setúbal, 1918

https://newinsetubal.nit.pt/compras/ja-viu-como-era-o-mercado-do-livramento-em-1918/



Figura 5| Mercado do Livramento,1937 (Edifício actual)

https://newinsetubal.nit.pt/compras/ja-viu-como-era-o-mercado-do-livramento-em-1918/

Planos de urbanização da cidade de Setúbal

João Aguiar é autor de diversos planos de urbanização para Setúbal. Estes abrangem toda a cidade, tendo sido realizados de modo intercalar com planos de pormenor para algumas praças e jardins. O estudo dos grandes planos visava a intervenção na malha urbana existente com intuito de promover a salubridade da cidade e agregar as zonas histórias com as recentes e as novas a projectar, recorrendo aos princípios higienistas do século XIX e aos modelos da cidade-jardim e unidade de vizinhança.

A necessidade para a elaboração de tais propostas deriva da explosão demográfica desordenada que se verificou nas primeiras décadas de 1900, traduzida no surgimento de "habitações" improvisadas e sem planeamento, como os bairros de barracas, e no estado de insalubridade vivido. A indústria conserveira provocou o desenvolvimento social e urbano numa cidade que não tinha capacidade para suportar um aumento drástico da população.

"O Estado Novo iria efectivamente atacar estes problemas com uma intensidade nunca antes vista: são reestruturadas e saneadas as cidades; (…); e aposta-se fortemente no desenvolvimento industrial do país."

(Malheiro, 2018)

O primeiro plano geral de urbanização de Setúbal é lançado em 1944 e compreende a organização da cidade mediante o melhoramento das infra-estruturas, da

reestruturação do espaço público, da planificação de novas áreas residenciais, e da introdução de mais zonas verdes, com base nos princípios do *Bairro-Jardim* e da *Unidade de Vizinhança*.

A proposta aparece divida por oito zonas urbanas distintas[17], agregadas por uma rede viária hierarquizada e apta à constante expansão da urbe, envolvidas por ruas, praças, jardins e espaços arborizados, responsáveis pelo arejamento e purificação do ar (Malheiro, 2018). Houve a intenção de criar uma zona exclusivamente industrial, de forma a que os terrenos urbanos não fossem usados para esse fim, e de integrar a zona portuária com o núcleo histórico através do desenho de grandes quarteirões alinhados à estrutura urbana a norte da Avenida Luísa Todi.

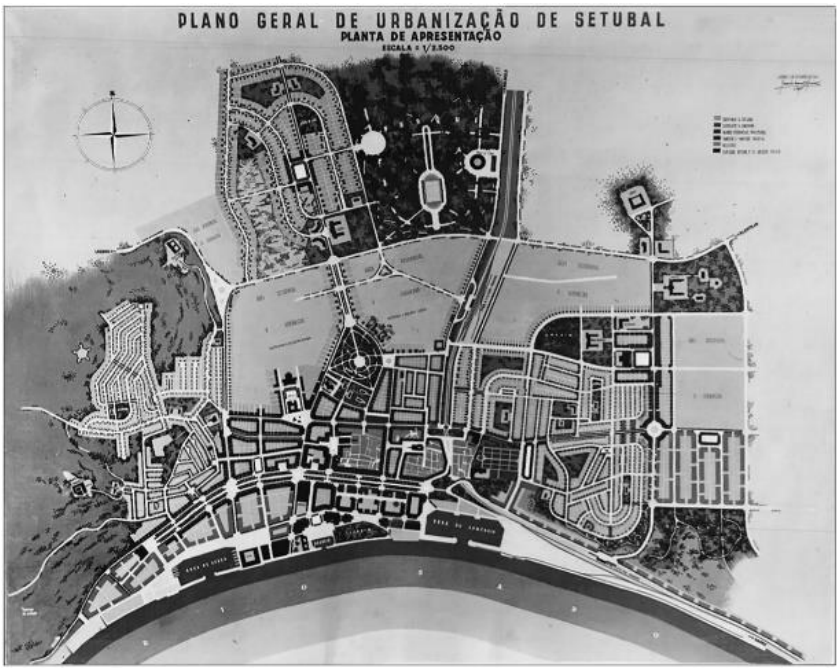


Figura 6| Plano Geral de Urbanização de Setúbal 1944

(Malheiro, 2018)

[17] (Malheiro, 2018 p.311) Residencial; Oficial, Comercial e Residencial; Comercial e residencial; Lotes reservados; Industrial; Ferroviário; Portuário e Espaços livres.

Apesar da aprovação da CMS o plano foi alvo de fortes críticas por parte da população setubalense. As alterações propostas visavam a modificação do traçado e, consequentemente, a demolição de um conjunto significativo de edifícios do centro histórico, em prol da higienização e descongestionamento automóvel, comprometendo o carácter medieval da cidade, e na frente de rio, tanto o baluarte do Livramento como o da N. Sra da Conceição são eliminados. Em adição, Aguiar favorecia a segregação social ao propor a distinção das zonas residenciais segundo a condição económica e a actividade profissional.

O plano foi sujeito a duas revisões, 1955 e 1962, mas pouco mudou relativamente à postura invasiva que se sobrepunha aos valores histórico-culturais de Setúbal. Aguiar prevê o aumento da população no final do século e amplia o limite do perímetro urbano, atribui ao troço central da Avenida Luísa Todi a função de centro cívico e introduz, na frente ribeirinha junto à doca de recreio, um equipamento hoteleiro, promovendo a ligação da frente de rio com a Avenida Luísa Todi e a cidade histórica.

Contudo, e apesar das polémicas associadas, são visíveis as marcas deixadas pelos planos de Aguiar ao nível das vias estruturantes e dos núcleos residenciais.

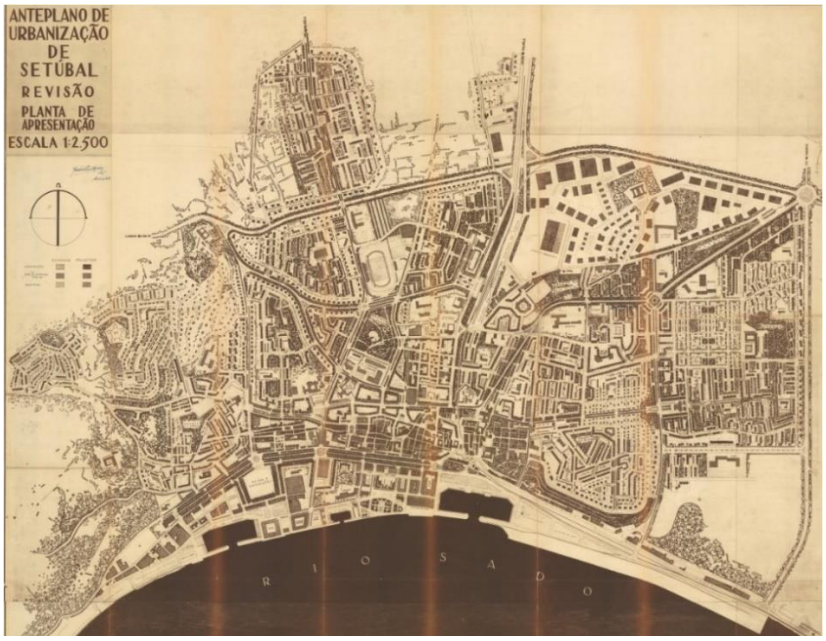


Figura 7| Plano Geral de Urbanização de Setúbal 1955

(Malheiro, 2018)

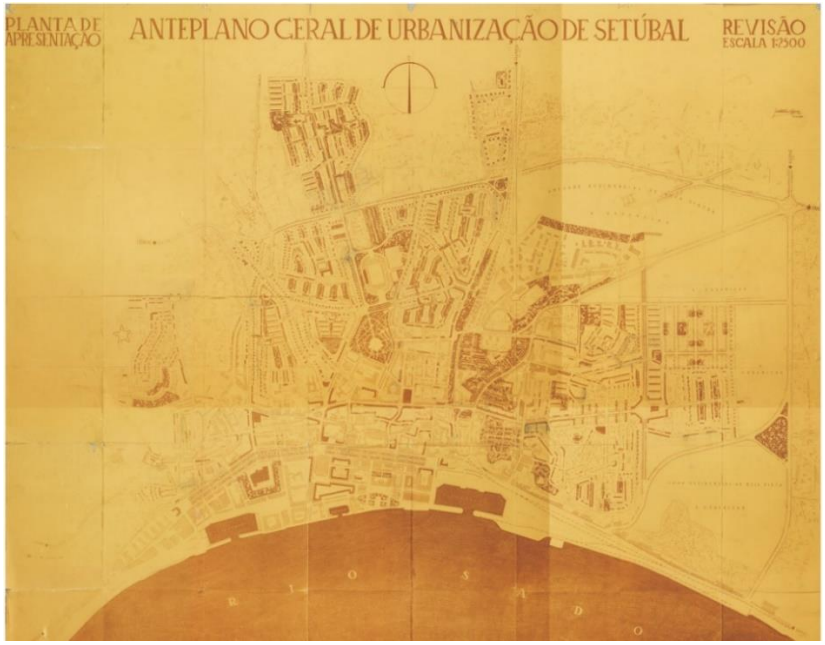


Figura 8| Plano Geral de Urbanização de Setúbal 1962

(Malheiro, 2018)

2.1.2|Cidade industrial

Indústria Conserveira
(1854-1995)

1ª Fase (1850-1970)

Pequenas unidades de produção artesanal

Os pioneiros da indústria das conservas em Setúbal foram Feliciano António da Rocha e Manuel José Neto com a abertura da primeira fábrica de conservas de peixe, em 1854. Laborou durante um ano, exportando para a América do Sul e África, para além do mercado nacional, no entanto a sociedade dissolve-se em 1885 (Lopes & Pereira, 2015).

"(…) em 1861, já existiam em Setúbal três fábricas de conserva de peixe e de fruta"

(Lopes & Pereira, 2015: 29)

2ª Fase (1880-1900)

Intensificação da indústria impulsionada por fabricantes franceses

O início de 1880 assinala uma nova fase conserveira, com a abertura da primeira fábrica francesa[18] de conservas de peixe em Setúbal, que laborava com moldes e processos de fabrico modernos. A partir desse momento começaram a surgir outras instalações industriais, com a mesma finalidade, tornando a cidade num polo conserveiro conhecido e deveras importante para a economia de Setúbal.

[18] Lopes, Pereira – *A indústria das conservas de peixe em Setúbal*, 2015, p.87
"(…) que se instalou à beira-mar perto da actual Doca de Recreio (…) com o portão principal, que ainda hoje existe, voltado para a actual Rua dos Trabalhadores do Mar, nº26."

"Nos finais do séc. XIX, a cidade já era um centro de pesca em grande actividade, e a indústria de preparação do peixe em conserva teve aqui considerável desenvolvimento, a ponde de, em 1886, haver na cidade onze fábricas de conservas, especialmente de sardinha."

(Quintas, 2003)

Neste período a indústria de Setúbal dependia comercialmente da França, pois era de onde importava parte da matéria-prima[19] essencial à produção das conservas. Na década de 1890, a indústria entra em decadência, culminando num estado de crise profunda, resultado da demora dos produtos importados, da falta de qualidade de alguns géneros alimentícios, da escassez do pescado e das exportações.

3ª Fase (séc. XX)

As primeiras duas décadas do séc. XX ficaram marcadas por uma continua expansão da indústria conserveira, atingindo o auge em 1920, ano em que Setúbal é considerado o maior porto conserveiro do país. Tal coincidiu com o período da 1ª Guerra Mundial que contribuiu, em grande parte, para a explosão fabril. A fasta oferta de trabalho conduziu a uma explosão demográfica inestimável, que se traduziu no aparecimento de bairros de barracas ao redor da cidade, a qual não conseguiu assegurar melhores condições devido à reduzida disponibilidade de habitação e aos preços elevados praticados. A população imigrante, que procurava uma vida melhor, continuou a viver na miséria.

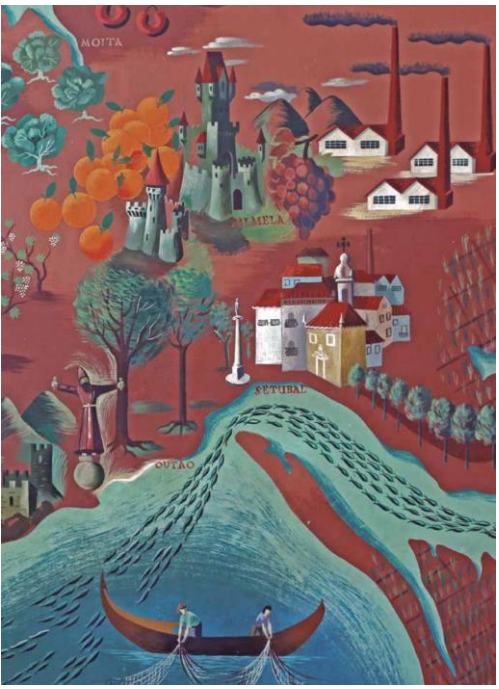


Figura 9| Ilustração Economia de Setúbal

(Setúbal – Uma baía aberta ao mundo, 2018)

Cessada a guerra, a procura e a exportação diminuem, conduzindo do declínio do sector, que se verificou constante,

[19] Folha de flandres, azeite italiano e solda

mas lento, até ao final do século, com excepção do período da 2ª Guerra Mundial. O parque industrial era dominado pela burguesia endinheirada, que procurava mão de obra barata e se opunha à instalação de outro tipo de empresas fabris. O incentivo para uma cidade de carácter mono-industrial impedia o desenvolvimento social e económico de Setúbal.

Durante o século XX foram identificados vários factores que conduziram à falência da indústria, com destaque para problemas de gestão industrial, de falta de regulamentos e fiscalização e das precárias condições de trabalho. O mercado das conservas operava com grande volatilidade, mediante as oscilações entre a procura, os preços de importação e exportação, a quantidade e qualidade do pescado disponível, a mão de obra e os apoios do estado. A população setubalense vivia em constante incerteza e mediante os lucros das empresas, que falhava na justiça de salários.

"Das 130 unidades fabris existentes em 1920 restavam em 1948 apenas 42."

(Faria, 2009: 85)

Embora a indústria conserveira se tenha tornado a única fonte de riqueza da cidade, em 50 anos de existência em Setúbal, pouco mudou ao nível da sua organização, gestão e dependência face ao exterior. Portugal continuava a importar a matéria-prima para a produção de conservas e, apesar de haver possibilidade de melhorar os produtos nacionais, com o intuito de diminuir os custos e tempo de importação, não havia vontade de investir e mudar. O sector estava constantemente em crise, algo que afectava profundamente a cidade e a economia de Setúbal.

Na década de 50, o agravamento da crise obrigou à realização de conferências com o objectivo de consciencializar a população da necessidade de investir noutros sectores, pois era impossível continuarem sujeitos "à riqueza do mar". Setúbal tinha outras valências por explorar, e reactivar, como as salinas, a agricultura, o turismo e o desenvolvimento de actividades culturais que iriam, certamente, contribuir para o desenvolvimento da cidade. Apesar da mudança de mentalidade, nos anos 60 surge uma nova oportunidade de investimento, que iria alterar a situação económica de Setúbal até ao final do século. A abertura da fábrica da pasta de papel, na península da Mitrena, marca o começo da fase da Indústria Moderna.

Assim que o novo ciclo industrial se instala na cidade, as fábricas tradicionais de conservas entram em decadência acentuada, visto que não conseguem competir com as condições e estabilidade de trabalho asseguradas por essas empresas. O aumento dos salários contribuí para a resolução de diversos problemas sociais, os bairros de barracas desaparecem com a construção de edifícios de habitação e a cidade começa a expandir-se, para norte e nascente. O período conserveiro termina em 1995, com encerramento das últimas unidades indústrias em Setúbal.



Figura 10| Frente ribeirinha de Setúbal, 1928

(Arquivo Américo Ribeiro)

"(…) antes do domínio da cidade pela indústria conserveira e dos aterros e terraplanagens, a linha de costa era constituída por uma sequência de praias, sendo as suas águas referidas como límpidas."

(ARU Setúbal, 2017: 38)

Consequências da indústria conserveira

Embora o crescimento industrial neste período fosse considerado como positivo e necessário para a cidade, gerava emprego e dinamismo económico, após o grande aterro de 1930, os equipamentos aí construídos começaram a causar problemas de carácter ambiental e higiénico, visto que os despejos das fábricas eram feitos no rio. Para além de poluir a água, onde o peixe era pescado, o turismo balnear também era afectado, prejudicando a saúde dos turistas e habitantes. Ambos os sectores contribuíam para o desenvolvimento da cidade, no entanto, a indústria gerava mais lucro e postos de trabalho durante todo o ano ao invés do turismo sazonal. Deste modo, a

frente ribeirinha passou a constituir a área fabril e menos apreciável da cidade, uma zona meramente laboral, deixando o carácter lúdico e de veraneio.



Figura 11| Baía de Setúbal, 1961

(https://www.mun-setubal.pt/historia/)



Figura 12| Estaleiro naval LISNAVE, Mitrena

(Marques, 2021)

Indústria Moderna

Porto Comercial
(1960 –)

"As indústrias modernas, ligadas aos grandes grupos económicos e ao capital estrangeiro, escolherão Setúbal para a instalação e funcionamento das suas empresas, beneficiando da localização estratégica (…), de um porto cheio de potencialidades."

(Costa, 2014: 24)

A modernização do sector industrial em Setúbal ocorre na década de 1960 com a implantação de grandes unidades de produção complexa, formadas por sectores de tecnologia avançada. "Setúbal, até então uma simples unidade de produção industrial, transformou-se numa unidade de produção complexa." (Faria, 1981). O começo da nova fase é atribuído à abertura da fábrica de pasta de papel na península da Mitrena, em 1958, a montante do centro histórico e longe da azafama da cidade. A explosão industrial sucede-se nos anos 70[20] com a abertura de enumeras empresas e suas fábricas[21] nesse mesmo local, que proporciona o desenvolvimento do novo Pólo Industrial da cidade. Na última década do século, e com a falência do ciclo conserveiro, a cidade aposta no crescimento da actividade portuária comercial.

[20] *Novo fenómeno urbano: aglomeração de setúbal*
Indústrias significativas na década de 70: Construção e reparação naval; indústria da celulose e de papel, adubos químicos, cimento, montagem de veículos ligeiros e pesados; electrometalúrgica, metalomecânica, produção de gás.

[21] *A indústria das conservas de peixe em Setúbal*, p.142
Setenave, central térmica do Sul, Eurominas, Mague, Gaslimpo, Melka, Ar-Líquido, Entreposto Industrial Automóvel, Sécil-Betão, Betonsil, Sado Internacional e Composam.

Dadas as condições e oferta de trabalho, assiste-se a outra vaga migratória, a qual contribuiu para o crescimento demográfico e urbano da cidade, que se expande, agora, para norte e nascente. Contudo, tendo a cidade começado a apostar noutros sectores, de carácter mais tradicional, a localização destes equipamentos foi alvo de revolta por parte dos operários das salinas e dos pescadores, que seriam prejudicados pela poluição causada pelos novos equipamentos. Igualmente como na época conserveira, a modernização do sector prevaleceu sobre as actividades tradicionais da região, nomeadamente a salicultura (Marques, 2021), impedindo o seu desenvolvimento e proveito.

Relativamente à ocupação da margem direita do Sado, que desde o início do séc. XX alojou uma grande quantidade de edifícios fabris, são evidentes as mudanças que ocorreram com a modernização da indústria. A frente ribeirinha, junto ao centro histórico, deixou de ser a zona laboral da cidade e tornou-se, em parte, num espaço decadente, marcado pelo estado de abandono dos edifícios e pela ausência da vivência urbana. A península da Mitrena continuou a crescer, albergando actualmente, mais polos industriais e empresariais[22], para além de uma plataforma e terminal multi-usos.

[22] https://www.mun-setubal.pt/parques-industriais-e-empresariais/
Zona industrial da Mitrena, Parque industrial Sapec Bay, Parque industrial da BlueBiz, IMA park, EIRA PARK, Polo comercial do Monte Belo.

2.1.3| Cidade Contemporânea

"[No final do séc. XX] deu-se início aos estudos sobre a zona ribeirinha com vista a potenciar a sua integração no espaço urbano"

(Quintas, 2003)

Após um século de grande industrialização e expansão urbana, a cidade contemporânea procura evoluir em direcção ao sector terciário e investir noutras actividades, beneficiando o turismo, com perspectiva de dinamizar e de reaproximar a cidade ao seu rio. O realojamento das estruturas fabris para montante deu origem a uma frente ribeirinha desactivada, pontuada por edifícios devolutos e vazios expectantes que não se encontravam integrados na malha urbana consolidada. A preocupação pela regeneração de tais espaços decorre na década de 1990, coincidente com o fim do período conserveiro, onde são elaborados estudos e planos de restruturação e potencialização da frente de rio, salvaguardando a memória do local e promovendo a integração urbana, através do melhoramento da sua componente pública, inserção de equipamentos culturais e de apoio às actividades náuticas de recreio e lazer, com principal interesse em promover atravessamentos de conexão entre o núcleo histórico e a margem do rio.

O Programa POLIS[23], lançado em 2000, corresponde ao culminar dos diversos planos estratégicos apresentados para a frente ribeirinha ao longo da década de 90, uma compilação das diversas revisões que, ultimamente, visavam a optimização da

[23] Programa de Requalificação Urbana e Valorização

requalificação urbana e ambiental desse espaço. A proposta incluía a criação de três atravessamentos pedonais, na zona central da avenida; o desnivelamento do cruzamento da Av. Luísa Todi com a Av. 22 de Dezembro, de forma a separar o tráfego automóvel do pedonal (não realizado); a criação de uma ciclovia entre Albarquel e as Fontainhas; a restruturação dos acessos viários e construção de parqueamento subterrâneo em vários locais da frente (não realizado); a inserção de diversos equipamentos de carácter cultural e recreio (Lança, 2015) [24]; construção de uma marina com um hotel adjacente (não realizado), um parque urbano em Albarquel, a reabilitação da doca dos pescadores e do Clube Naval, revitalização e qualificação dos espaços públicos e jardins da área de intervenção. O plano foi aceite em 2005, no entanto continuou a ser submetido a enumeras revisões, recebendo a última aprovação em 2014.

Analisando actualmente a área de intervenção é evidente a lacuna de alguns componentes da proposta que não foram executados. Em comparação com os lados nascente e poente, a parte central da frente, onde se situa a ruína do baluarte do Livramento, constitui a zona mais fragilizada e devoluta do território, com vazios expectantes e sem função aparente, ocupada por estacionamento automóvel informal. Apesar da sua potencialidade, uma vez que consegue assegurar o atravessamento directo entre a praça do Bocage e o rio, comporta-se como um fragmento de "não cidade" ao impedir uma relação de continuidade com a envolvente.

[24] Centro de Interpretação e Monotorização Ambiental em Albarquel, Centro de Indústria e Ambiente no Baluarte do Livramento (na última revisão optou-se por um hotel), Academia de Dança Contemporânea, Escola de Artes e Espectáculo, Biblioteca Pública, Museu de Cartografia Naval, Escola de Hotelaria no Baluarte da Conceição.



Figura 13| Plano pormenor Programa POLIS

(Lança, 2015)

2.2| A FRENTE RIBEIRINHA

"O desenvolvimento da cidade processou-se sempre em função da proximidade da margem (…)"

(Quintas, 2003)

2.2.1| Evolução da linha de costa

Os aterros feitos sobre o rio ocorreram por necessidade de espaço, tanto para assegurar a expansão do aglomerado como para permitir a paragem de embarcações e viabilizar as trocas comerciais. As pontuais modificações da margem foram realizadas ao longo dos séculos, desde cais de estacas a pequenas docas, sendo apenas no século XX, devido ao impulso comercial conserveiro e ao crescente tráfego marítimo que se executam as grandes obras no porto de Setúbal, correspondente à configuração actual.

O primeiro avanço sobre o rio corresponde à elevação da muralha abaluartada, projectada com 2 baluartes dentro de água, os quais asseguravam a protecção da vila por via marítima. Esta configuração caracteriza a linha de costa até ao terramoto de 1755, que destrói, quase totalmente, o pano sul da cintura muralha. A estrutura defensiva é reedificada e com a dinâmica comercial restabelecida surgem projectos para pontuais intervenções na margem.

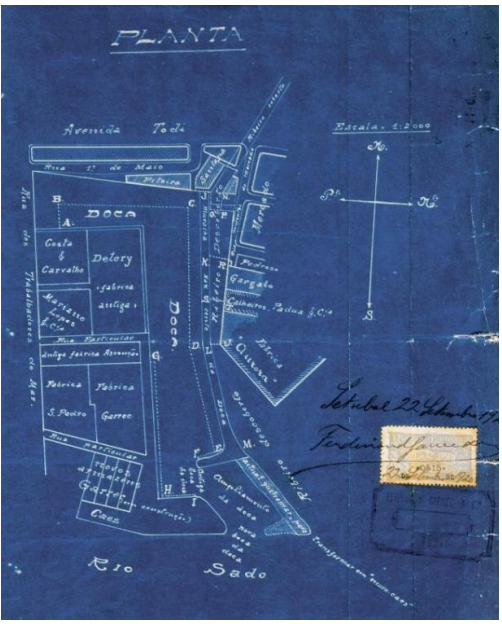


Figura 14| Planta Doca Delpeut

(Quintas, 2003)

O século XIX, caracterizado pelo período da regeneração urbana e da qualificação do espaço público, contempla novas transformações na frente ribeirinha. O primeiro momento refere-se à construção da Doca Delpeut[25] (Figura 14), em 1836,

[25] A doca foi mantida até ao início do século XX, sendo coberta para a realização das grandes obras do porto de Setúbal em 1930. (Macedo, 2015)

junto à foz da ribeira do Livramento, para apoio das embarcações pertencentes à primeira unidade industrial aí sedeada. Em 1848, a zona nascente da Rua da Praia é mandada calcetar, entre a ponte do Livramento e o Quartel do Cais[26], dando origem ao troço inicial da Av. Luísa Todi. Na década de 1870 a avenida é prolongada e arborizada até a Saboaria, onde é criado o Passeio do Lago (Macedo & Pinho, 2015), num novo plano sobre o rio a poente da doca Delpeut, juntamente com a extensa terraplanagem entre o Baluarte da N. S. da Conceição e do Livramento, em 1876, que incluía um plano de seis quarteirões entre os mesmos.

O principiar do ciclo conserveiro e os problemas associados ao seu crescimento exponencial, revelaram a incapacidade do porto de Setúbal de assegurar as condições necessárias à actividade industrial e comercial da cidade. O projecto para o novo porto é iniciado em 1930, que incluía a regularização da margem numa extensão de 4km, a construção de três docas de diferentes tamanhos e funções, pesca, recreio e comércio, uma lota, parcelas para albergar as unidades industriais e armazéns de apoio às actividades portuárias (Malheiro, 2018). Consequentemente, procede-se à finalização da cobertura da Ribeira do Livramento.

Permanecendo igual desde os anos 30, a frente sofre algumas alterações a nível urbano e da sua ocupação funcional. A modernização da indústria e alojamento a montante, juntamente com a fim do período conserveiro, provocam o abandono dos edifícios industriais e a desertificação do território. Sendo uma área associada à actividade fabril e piscatória, a ausência de um carácter de uso público e de lazer

[26] Inserido no Baluarte da N. S. da Conceição

dificulta a sua integração no espaço urbano, constituindo uma barreira entre a cidade e o rio.



Figura 17| Setúbal 1834

(Quintas, 2003)

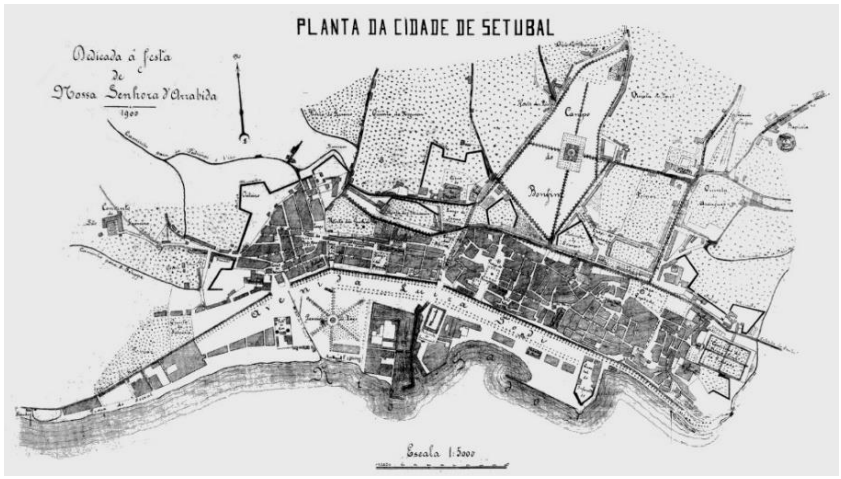


Figura 16| Setúbal 1900

(Malheiro, 2018)

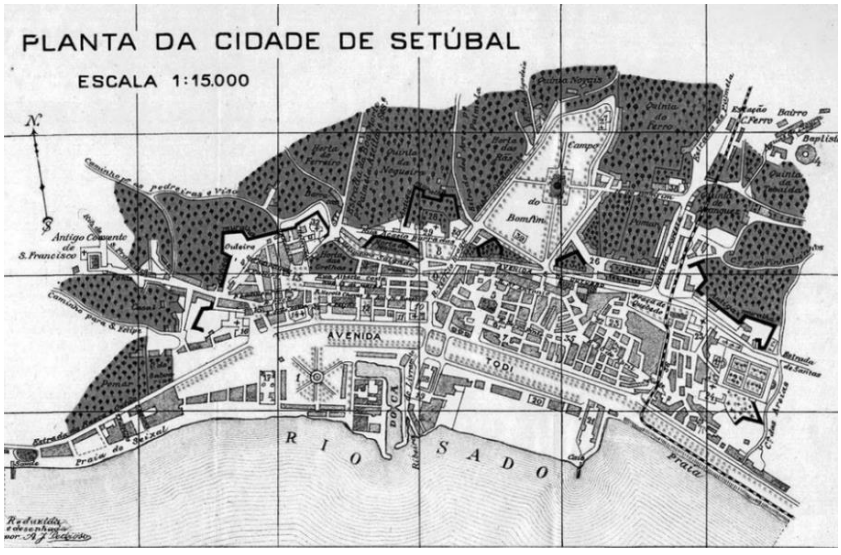


Figura 15| Setúbal 1924

(Malheiro, 2018)

Actualmente, e assumindo uma frente tripartida, são claras as diferenças entre a área central expectante, mas com grande valor histórico e potencial de reconversão, e a restante frente, que apresenta uma estrutura mais consolidada e cuidada.

A seção nascente, entre o Baluarte do livramento e o da N.S da Conceição, apresenta uma malha urbana ortogonal onde estão inseridos edifícios de carácter público, institucional e operacional. Juntamente com os arranjos ao nível do espaço público, caracteriza-se por ser uma zona com um movimento permanente de pessoas que aí trabalham, bem como outras que procuram o jardim à beira rio. Contudo, a presença excessiva dos automóveis e a falta de estacionamento apropriado, acabam por interferir com a qualidade do espaço público envolvente, deixando de ser uma zona atractiva para os restantes habitantes e visitantes. Em adição, a diminuta vivência nocturna na área dificulta uma relação constante com a restante cidade, tornando-se num mero polo operacional e empresarial (Santos, 2005).

Figura 18| Frente ribeirinha de Setúbal (actualidade)

(Google Earth, 20/12/23)



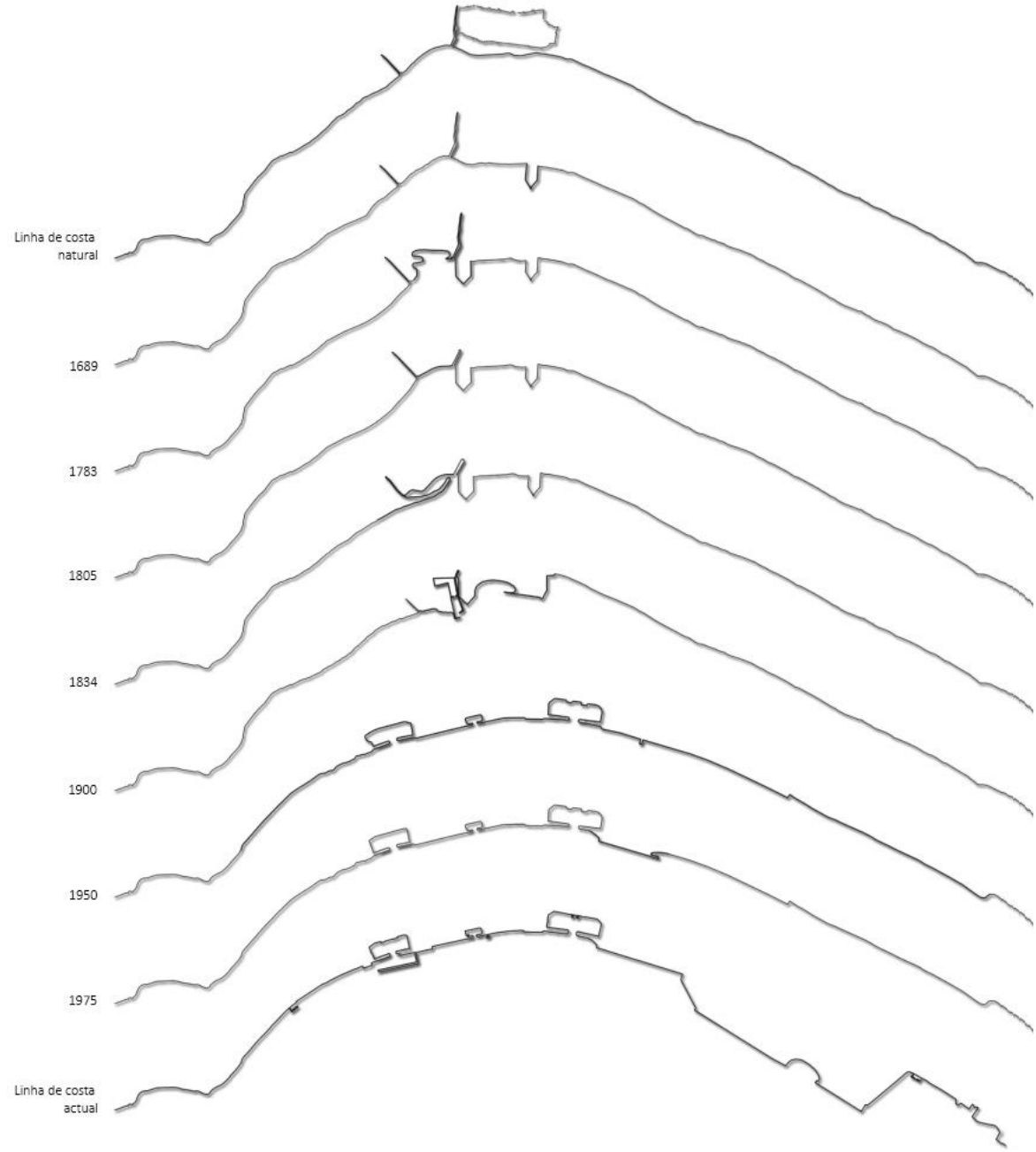


Figura 20| Evolução da linha de costa de Setúbal

(Lança, 2015)

3.2.2| O Baluarte

O Baluarte da Nossa Senhora do Livramento é parte constituinte da estrutura defensiva seiscentista, ocupando a posição central do pano sul da muralha. Construído na margem do rio, tinha como finalidade a defesa da barra do Sado, juntamente com o Baluarte da Nossa Senhora da Conceição.

Estes tipos de fortificações abaluartadas apresentam panos de muralha mais baixos e robustos, com altura máxima de 4 a 5m (RTP, 2007), e saliências angulares nas suas extremidades. A cortina é composta por um parapeito vertical, um cordão de pedra e um plano oblíquo. O levantamento arqueológico do Baluarte da Nossa Senhora da Conceição revela que a altura aproximada da estrutura são 4,75m, dimensão que se pode atribuir ao Baluarte de Livramento, dada a semelhança entre ambos.

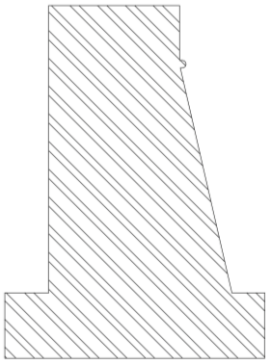


Figura 21| Secção Muralha Abaluartada

Desenho da autora

Ao longo do crescimento da cidade, o seu espaço inteiror vai sendo ocupado por diversas construções, com destaque para o Mercado do Livramento e para as industrias conserveiras, as quais aproveitaram os próprios muros do baluarte para sua edificação.

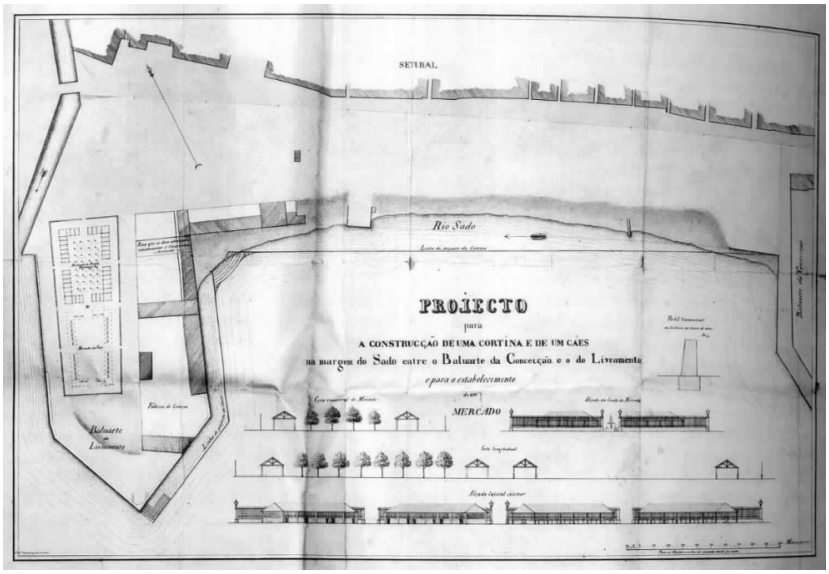


Figura 22| Projecto para a construção de uma cortina e de um cais, 1860

(Tomé, 2016)

Actualmente, e devido ao aterro de 1930, o Baluarte da Nossa Senhora do Livramento surge parcialmente subterrado, deixando de ser um marco imponente na paisagem da frente ribeirinha setubalense. A perda de escala e o conjunto de rasgos e alterações que sofreu danificam a sua imagem e a memória que lhe está associada, a qual contribui para a criação da identidade do lugar. A sua desvalorização vai contra o que é suposto evocar enquanto património da cidade.



Figura 23| Doca Delpeut, 1903

Baluarte do Livramento
lado direito

(APSS, 2015)
https://www.portodesetubal.pt/apss/pagina/2/historia



Figura 24| Baluarte do Livramento
1930

(Quintas, 2003)

SÍNTESE

A elaboração deste capítulo teve como objectivo o conhecimento do passado de Setúbal, nomeadamente do centro histórico e envolvente ribeirinha. Numa perspectiva de compreensão da presente configuração urbana e da vivência deste espaço, procurou-se fazer uma contextualização da génese da cidade expondo cronologicamente os eventos e elementos estruturantes que contribuíram para o seu desenvolvimento morfológico e social. Em conclusão, é notável o vínculo ao rio e a importância que este adquire ao longo do crescimento do burgo, visível no modo organizativo dos eixos principais do núcleo medieval e dos posteriores aterros, bem como, através da actividade conserveira e comercial do porto. As muralhas, antigos limites, marcaram fortemente a paisagem urbana durante séculos, e por isso, os vestígios presentes na cidade de hoje revelam-se detentores de enorme valor histórico e identitário, dignos de serem preservados. Actualmente, e embora se tenham realizado planos de requalificação urbana e reintegração na cidade, parte da frente ribeirinha continua desactivada e composta por zonas devolutas e vazios expectantes decorrentes da desindustrialização. A área central, onde se encontra a ruína do Baluarte da N. Sra. do Livramento, revela ser a mais fragilizada e, portanto, a escolhida como local e intervenção.



Figura 25| Insignificância do Baluarte face às estruturas que se sobrepõem

Imagem da autora



Figura 26| Rasgo da muralha para abertura de um portão

Imagem da autora



Figura 27| Vazio Residual convertido num estacionamento automóvel

Imagem da autora

03|

OS VAZIOS NA CIDADE

3.1| As formas do vazio

A cidade é um organismo complexo e dinâmico, produto da sedimentação de tempos e lógicas distintas, acontecimentos e vivências passadas, palco da vida presente e base de projecções futuras. Formalmente mutável, compõe uma matriz de cheios e vazios, edifícios e espaços livres, organizada como objecto colectivo e moldável a todos, que reúne um leque de funções e sistemas de suporte à vida humana. Num estado de constante desenvolvimento e reinterpretação, é certo o acrescento e a subtracção de alguns elementos que, consequentemente, modificam a sua imagem, podendo provocar situações de incoerência numa continuidade urbana (Coelho, 2015).

Incidindo sobre o panorama da cidade contemporânea, um objecto aparentemente consolidado e articulado, ainda são visíveis espaços sobrantes, sem função aparente e indefinidos, que interrompem o tecido urbano criando situações de incerteza numa envolvente determinada. Lugares que permanecem estáticos, intocáveis, marcados pelo abandono e deterioração, lentamente perdem o vínculo com a cidade e convertem-se em espaços intersticiais, sem interesse, muitas vezes "invisíveis", que perturbam uma lógica de coesão. Estes espaços, que agem como barreiras físicas, são designados de Vazios Urbanos, de carácter residual.

Contextualizando a origem do conceito, este remete para uma época de pós-guerra, numa Europa marcada pela vasta destruição decorrente da 2ª Guerra Mundial. O cenário de

devastação, os vazios resultantes e a urgência da reconstrução obrigaram a um novo olhar sobre as cidades, à reflexão e compreensão a sua condição, do património e do seu valor, e como poderia ser alcançada a compatibilidade entre a nova cidade e as "(…) lógicas, matrizes e temas da cidade histórica" (Trienal de Arquitectura, 2007: 22) que prevaleceram e se procurou reaver.

"*Uma área sem limites claros, sem uso actual, vaga, de difícil compreensão na percepção colectiva dos cidadãos, constituindo normalmente um rompimento no tecido urbano. Mas é também uma área disponível, cheia de espectativas, de forte memória urbana, com potencial original: o espaço do possível, do futuro.*"

Ignasi Sòla-Morales (Citado em Vazios Urbanos: 13)

Numa perspectiva de compreender a condição do vazio na cidade, é essencial analisar as suas diferentes dimensões. Enquanto intencional, o vazio projectado é pensado como espaço de articulação e descompressão de uma envolvente consolidada e densificada. Zonas de passagem ou permanência, favoráveis à vivência pública dos que habitam a cidade, espaço público qualificado, onde se inserem as praças, as ruas, os pátios, os jardins. Em contrapartida, os vazios residuais surgem como indefinidos, locais vagos da cidade perimetrada, aos quais nunca foram atribuídos um propósito ou que, perante determinado acontecimento, perderam a sua função inicial. Existem ainda os espaços marginais da cidade difusa, áreas periféricas que persistem sem intervenção onde "ainda é possível reconhecer o ancestral sentido territorial" (Trienal de Arquitectura, 2007:21),

ou resultantes da rápida expansão urbana associadas ao desenvolvimento de novas infra-estruturas e grandes equipamentos, a uma escala metropolitana. Num estado de não identificação, estes espaços são, muitas vezes, alvo de ocupações de carácter ocasional e efémero, resultando em utilizações informais "(…) para estacionamento, fazer pequenas hortas, construir barracas e mesmo bairros, desenvolver actividades ilícitas." (Brito-Henriques et al., 2019: 85).

Estes territórios, áreas estranhas expectantes ou em transição, embora constituam fragmentos que reflectem uma imagem desinteressante e de difícil compreensão, onde a urbanidade não é reconhecível, manifestam uma enorme potencialidade de transformação, possibilidade para novas apropriações e exploração de abordagens inovadoras de restruturação do espaço urbano, tornando-se "(…) um dos últimos recursos de cidadania, de realização da *civitas*" (Trienal de Arquitectura, 2007: 23). Contudo, é evidente que o valor que lhes é atribuído, não reside apenas na sua disponibilidade ou localização estratégica na cidade. O vazio é também definido pela memória do lugar, por aquilo que permanece obsoleto, pelos eventos que aí se sucederam e presentes no imaginário colectivo (Trienal de Arquitectura, 2007).

3.2 Memória, lugar e herança cultural

A memória é um fenómeno construído por imagens e acontecimentos passados, de alguma forma impactantes. A memória individual forma-se a partir das experiências realizadas pessoalmente, em contrapartida, embora a memória colectiva possa ter como base eventos vividos por uma colectividade em simultâneo, também pode provir de uma projecção, isto é, dado o impacto do evento, pela sua gravidade ou importância sobre a colectividade, a memória é tão marcante que por meio da socialização, política ou histórica, é transmitida ao longo do tempo, transformando-se numa memória, de certa forma, herdada (Pollak, 1992). Neste caso, a memória colectiva transforma-se num fenómeno cultural significativo, algo específico e representativo de determinada comunidade ou local, sendo que a sua prevalência pode, ainda, manifestar-se como um factor de suporte para a criação de uma identidade. Ultimamente, "(…) pela inércia própria das ideias repetidas e pela força do mito, [a memória colectiva] vai-se libertando de uma temporalidade contextual transformando-se – genuína e atemporalmente – numa Colectiva Memória Profunda." (Leite & Feliciano, 2016: 14).

"(…) a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, (…) é também um factor extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência (…)"

(Pollak, 1992: 204)

Relativamente ao lugar em Arquitectura, este remete para a apropriação do espaço pelo homem. Consiste na atribuição de significado mediante a transformação física e simbólica do que lhe é envolvente. Resulta das interacções estabelecidas entre os elementos existentes e aqueles que se vão formando e ocupando o espaço, os quais emergem dos fenómenos sociais e culturais específicos de uma comunidade, que nele se desenvolvem e adquirem valor. O lugar é a definição concreta do espaço, corresponde à reunião entre as qualidades espaciais, ambientais e os valores simbólicos e identitários, sociais, culturais e históricos, que se constroem ao longo do tempo (Faria, Célia, 2009) e o definem como habitável. Representa o centro onde se inscrevem as marcas do tempo, da ocupação humana e vivência do espaço, do percurso da humanidade.

Posto isto, é a simbiose entre os valores simbólicos e identitários, e as características espaciais e ambientais, que por meio da vivência do espaço, se fixam na memória e permitem a recordação do lugar. No entanto, a conservação da memória do lugar revela-se importante e necessária quando associada a uma profunda memória colectiva, a um elemento de forte presença e significado cultural, que preconize e reforce o sentimento de identidade inerente e específico do lugar. A conservação da herança cultural é, portanto, essencial para a prevalência dessa memória, sendo o constante apego ao passado a base para a criação e reprodução da identidade desse lugar.

"Os monumentos históricos são assim uma herança que sobreviveu ao passar do tempo, chegando até nós como uma memória das sociedades passadas e como parte integrante daquilo que nos define enquanto sociedade actual."

(Campo, 2013: 9)

O património cultural corresponde aos bens materiais ou imateriais herdados de períodos anteriores que reflectem as raízes de uma comunidade ou nação, constituindo testemunhos históricos que, pelo seu significado e valor cultural, se consagram fundamentais de serem preservados ao longo do tempo. A sua protecção visa garantir a continua transmissão dos valores identitários e de memória como manifesto e invocação ao passado, ao legado das comunidades e à origem do lugar.

A cidade, um organismo mutável que reflecte as camadas temporais do espaço urbano, é constituída por elementos arquitectónicos singulares que prevalecem no tempo e, pela sua raridade, persistência, valor histórico e cultural, se consagram património. É através deles que se estabelece o diálogo permanente com o passado, merecedor de ser respeitado e preservado. Contudo, em determinados contextos, é visível o estado arruinado e de abandono destes objectos, do qual decorre a perda de significado e identidade matricial, fundamentais para a salvaguarda da memória. Parte da história do lugar é desvalorizada e, por isso, tendencialmente a ser esquecida.

"O tema da memória, enquanto matéria de construção da arquitectura é, então, uma questão central na relação entre o lugar presente, o lugar passado e a capacidade de serem sentidos e compreendidos."

(Leite & Feliciano, 2016: 39)

A arquitectura, enquanto veículo para a reconstituição da memória, deve actuar sobre o património com o intuito de resgatar e consolidar os valores perdidos, mediante a preservação do que ainda existente, mas também, procurando um equilíbrio entre o tempo presente e a pré-existência, através da introdução de uma nova funcionalidade. Este processo pressupõe a total compressão do monumento, a "ampla consciência dos valores culturais inerentes ao lugar e à especificidade da sua cultura e arquitectura, procurando (…) compatibilizar soluções coerentes, identitárias e altamente vinculadas com o seu contexto." (Leite & Feliciano, 2016: 33). Acrescentar sem anular o significado matricial.

3.3| Pensar o vazio

No seguimento da definição de vazio, de memória e de lugar, fazendo referência ao valor do património, é possível afirmar que o vazio, espaço indeterminado, é o oposto de lugar, espaço definido e significativo. Considerando um vazio que, outrora, fora um lugar, e que agora apenas se encontra habitado por uma sobreposição de memórias, a sua recuperação envolverá a reflexão sobre o valor que lhes está associado, o qual determinará a importância da preservação da memória do lugar.

Visto que o sentimento de identidade é aquele que se procura reaver, e sendo este um elemento integrante de uma profunda memória colectiva, a reconstituição da memória do lugar pressupõe a recuperação e preservação dos monumentos históricos, do património cultural, os quais evocam memórias passadas.

Enquanto lugares excepcionais, com enorme flexibilidade interpretativa e programática, convocam à reflecção da sua condição e possibilidades mediante o contexto em que se inserem. Trabalhar o seu preenchimento significa activar uma porção de cidade adormecida, atribuindo à arquitectura o papel de considerar as necessidades da cidade contemporânea de um modo colectivo e representativo, garantir que o vazio a converter retome a sua urbanidade e que, simultaneamente, promova a inclusão e agregação das partes díspares, permitindo a vivência livre e em comunidade nesses espaços. A sua revitalização pressupõe o redefinir da cidade e o preconizar da memória, quando esta é significativa, em direcção a um estado melhorado e respeitável, que manifeste aquilo "(…) que uma cidade deve ser hoje e no futuro." (Trienal de Arquitectura, 2007: 170).

SÍNTESE

A construção deste capítulo teve como base a compreensão das características formais do local de intervenção a partir da exploração de conceitos que ilustram a sua condição actual. Visto constituir-se uma área devoluta, composta por edifícios abandonados, vazios residuais e um bem de interesse cultural, procurou-se perceber como são definidos estes locais e o seu potencial de reconversão para construir cidade, tendo em vista a importância do resgatar do património.

A zona central da frente ribeirinha, onde se encontra a ruína do Baluarte da N.S do Livramento, revela-se como a mais fragilizada, embora com maior potencial de enriquecer a relação da cidade com o rio. De forma a colmatar as problemáticas existentes e recuperar a qualidade e vivência pública do lugar, considerou-se pertinente para a proposta deste PFM a criação de uma residência de estudantes no espaço interior do Baluarte da N.S do Livramento. Este tipo de programa promove a permanência de pessoas na sua envolvente, desenvolvendo novas dinâmicas sociais, entre estudantes deslocados e habitantes, combatendo, em simultâneo, a ausência de vivência pública durante os períodos nocturnos. Em adição, é referido pelo Instituto Politécnico de Setúbal a necessidade de aumentar o alojamento estudantil na cidade.

04|

PROJECTOS DE REFERÊNCIA

4.1| Residência universitária do Pólo da Ajuda

CVDB Arquitectos

O projecto para a residência universitária do Pólo da Ajuda decorre de um concurso público para colmatar a carência de alojamento estudantil nesta área da cidade. *"(…) a intervenção visa dinamizar e levar novos públicos para esta zona da cidade, enfatizando o sentido de comunidade, de proteção e de pertença dos estudantes e dos residentes, e aumentando o movimento de dia e durante a noite."* (Duarte, 2021: 53)

Implantado junto à cantina do respectivo pólo é criado, entre este, um percurso pedonal de ligação de ruas a cotas distintas, onde se situa a entrada principal da residência. Condicionado pelos limites do lote e pela cércea máxima pré-definida, desenvolve-se numa lógica de quarteirão fechado em torno de um pátio comunitário, a partir do qual é definido o programa funcional, organizado internamente por um corredor de distribuição central, em "loop", que proporciona a circulação contínua e o contacto constante entre os alunos residentes.

Os quartos foram pensados com base na utilização de uma unidade modelar de habitação individual que, agregada em pares, formam a malha estrutural do edifício, definindo também os espaços comuns de lazer, estudo e refeição. No conjunto existem quartos individuais, comuns, para mobilidade condicionada e apartamentos, sendo estes no último piso, onde se acede ao terraço. "O módulo contribui para a optimização da proposta, relativamente às áreas e à economia global da construção." (CVDB Arquitectos Associados, s.d).

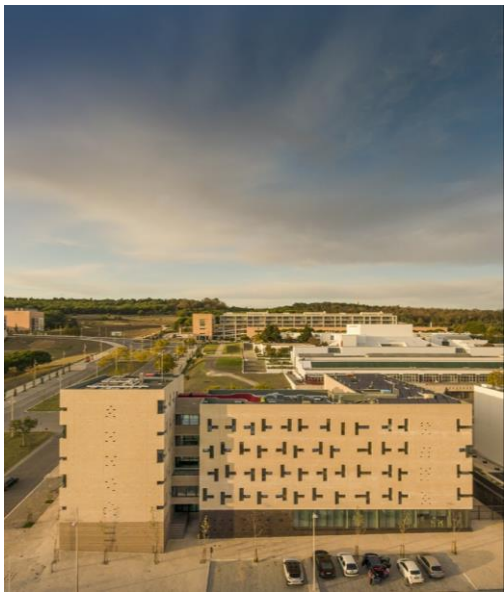


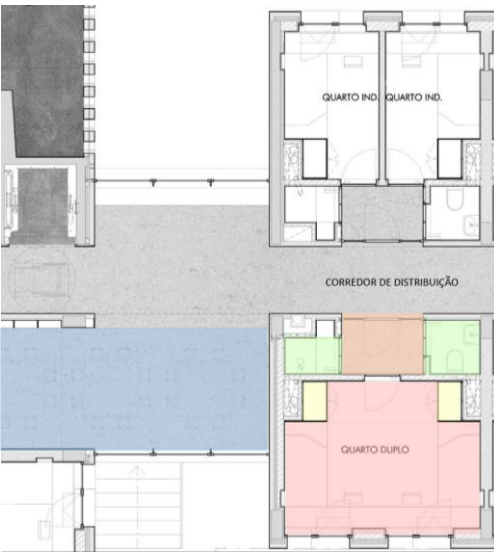
Figura 28| Fachada sul

Guerra, F. Trienal de Arquitectura de Lisboa



Figura 29| Corredor de distribuição e espaço de estudo à direita, 2021

Fotografia da autora



Antecâmara de transição

I.S

Espaço privativo

Espaço de estudo comum

Figura 30| Esquema do tipo de espaços

Elaborado pela autora

Os núcleos de acessos verticais situam-se nos cantos do pátio onde, para entrada de luz natural, é suprimida uma unidade modelar que viabiliza a formação de atravessamentos visuais anexados ao corredor de distribuição. O restante programa, no que diz respeito aos espaços comum de convívio (aberto para o pátio), lavandaria e áreas técnicas localizam-se no piso de térreo; as salas de estudo e cozinhas distribuem-se por cada piso. Relativamente à célula habitacional, a cada dois quartos individuais ou duplo, existe uma antecâmara de transição entre o corredor e o espaço privativo, onde se situa a instalação sanitária comum. O quarto organiza-se na longitudinal, por zona de arrumação do vestuário, zona de dormir e, junto à janela, zona de trabalho.

Este projecto surge como caso de referência programática, pela sua lógica de distribuição e organização, pelas relações entre os espaços privados e comuns, interior e exterior.

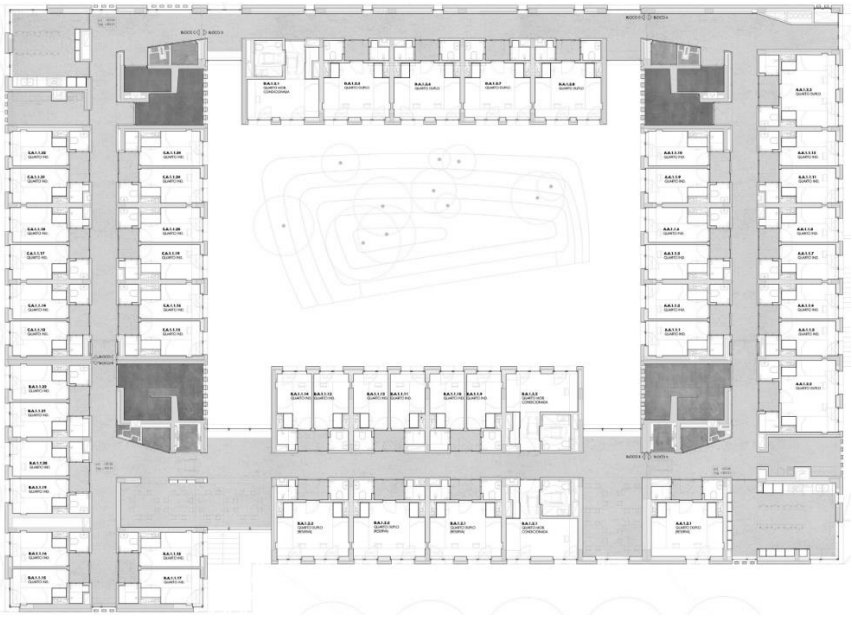


Figura 31| Planta piso tipo

CVDB Arquitectos Associados

4.2| Pousada da Cidadela de Cascais
Gonçalo Byrne Arquitectos

A posada da Cidadela de Cascais, uma fortaleza abaluartada, constitui um projecto de reconversão de um conjunto de cariz militar, que se encontrava abandonado, num espaço de uso civil e turístico.

Tratando-se de uma estrutura com muros bastante altos, a intervenção procurou potenciar as características internas do recinto muralhado. É por este motivo que a maioria dos quartos se volta para o espaço interno. Os edifícios pré-existentes são reabilitados e convertidos ao programa da pousada e o espaço público qualificado.

Dois dos volumes assumem a forma da muralha, sendo estes que estabelecem uma relação de proximidade mais vincada. Um, ligeiramente afastado, permite a existência de um percurso exterior, junto ao muro, de acesso aos quartos localizados no piso superior do volume. Relativamente ao outro, foi acrescentado um piso de quartos que aproveita o recorte das ameias para permitir a visão sobre a paisagem. Este novo corpo ultrapassa ligeiramente o limite superior da muralha, mas de forma subtil, não alterando a sua imagem.



Figura 32| Percurso de acesso aos quartos que evidencia a relação entre a muralha e o volume da pousada

Morgado, J. João Morgado Fotografias de Arquitetura

https://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/pousada-da-cidadela-de-cascais



Figura 33| Relação entre pré-existente e nova intervenção

Morgado, J. João Morgado Fotografias de Arquitetura

https://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/pousada-da-cidadela-de-cascais

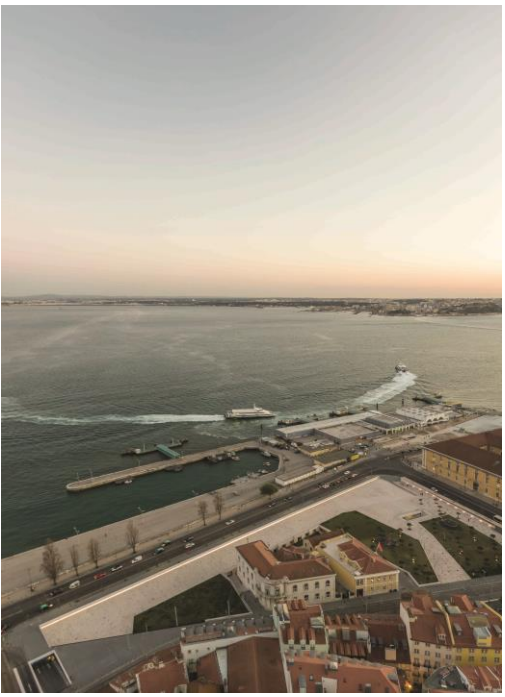


Figura 34| Campo das cebolas, vista aérea

Guerra, F.
(https://www.miesarch.com/work/4771)



Figura 35| Muro e escada do antigo cais

Guerra, F.
(https://www.miesarch.com/work/4771)

Figura 36| Praça e zonas verdes

Guerra, F.
(https://www.miesarch.com/work/4771)

4.3| Campo das Cebolas, Lisboa

João Carrilho da Graça

Situado na frente ribeirinha de lisboa e junto à Fundação Saramago, constitui um projecto de reconversão urbana de um antigo vazio ocupado informalmente por automóveis.

A intervenção teve como base a abertura de uma praça que fomentasse a vivencia pública do lugar e, ao mesmo tempo, colmatasse a carência de estacionamento apropriado na cidade. Esta, ligeiramente elevada em direcção ao rio, apresenta-se parcialmente pavimentada e composta por quatro zonas verdes generosas pontuadas com algumas árvores, sendo uma ao nível do piso subterrâneo que permite entrada de luz natural e circulação de ar no estacionamento.

Para além da solução criada, é clara a relação que estabelece com a pré-existência. O antigo cais, anteriormente aterrado, é descoberto e integrado no projecto na zona do estacionamento subterrâneo, fazendo parte da sua organização espacial.



05|

VIVER O BALUARTE

5.1| Regeneração do vazio na margem do rio

O desenvolvimento da estratégia de intervenção para a frente ribeirinha de Setúbal surge mediante um conjunto de análises que se realizaram com o objectivo de compreender as problemáticas do local e delimitar a área de intervenção.

Entendeu-se que o aterro é um espaço que se comporta como uma barreira entre a cidade e a margem do rio, e o que o limite da mesma está associado à Avenida Luísa Todi.

Considerando uma frente tripartida são visíveis as diferenças entre as zonas nascente e poente, ambas consolidadas e inseridas numa malha urbana estruturada, e a zona central, que se apresenta indefinida, devoluta e informalmente ocupada por estacionamento automóvel e material naval, para além de conter a ruína do Baluarte da N. S. do Livramento, parcialmente aterrada e coberta por edifícios fabris. Embora seja a zona que se consegue relacionar directamente com a Praça do Bocage[27], a carência de funcionalidade e de espaço público qualificado impede o seu atravessamento e a vivência pública do local, contribuindo para a desconexão entre o núcleo histórico e o rio. Em adição, a estrutura viária apresenta-se bem marcada, sobrepondo o uso automóvel à circulação pedonal.

Com base no exposto, procurou-se intervir na parte central da frente ribeirinha (Figura 36) tendo como objectivo a sua reintegração na cidade, colmatando as problemáticas e carência presentes, e principalmente, resgatar o património existente. O Baluarte da N. S. do Livramento será, portanto, o



Figura 37| Local de intervenção

Google Earth

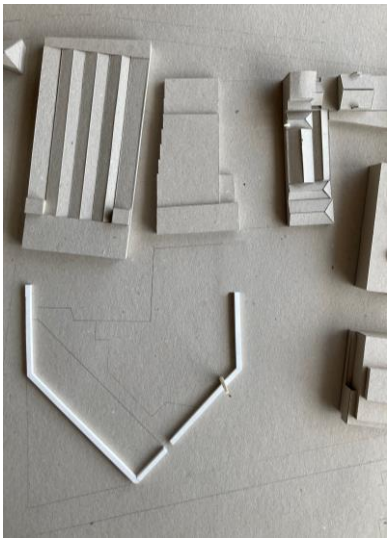
[27] Praça principal do núcleo histórico

elemento fulcral do programa de requalificação urbano, integrando no seu interior uma residência de estudantes, um programa de habitação que irá promover dinamismo e valorizar a área envolvente.

Proposta Urbana

À escala urbana, a proposta de intervenção tem por objectivo reforçar o diálogo entre a zona norte e sul da cidade, promovendo a proximidade com o rio, requalificar o espaço público envolvente, e principalmente, restabelecer o significado e a identidade do Baluarte da N. S. do Livramento.

Primeiramente, procurou-se reforçar o eixo de ligação pedonal entre a praça principal do centro histórico, Praça do Bocage, e a frente ribeirinha através da criação de uma praça, junto ao Mercado do Livramento, que se abre para o baluarte e para o rio. Esta praça será a nova centralidade da faixa ribeirinha, um local de permanência e reunião da população. Viabilizar este atravessamento implica eliminar o actual edifício do Pingo Doce que será realocado no volume proposto a nascente. À semelhança da intervenção no Campo das Cebolas, pelo Arquitecto Carrilho da Graça, a praça proposta será a cobertura de um estacionamento automóvel subterrâneo. Em continuidade, no vazio junto ao Baluarte da N. S. do Livramento, e que fará parte do eixo de atravessamento proposto, estará planeado uma área de jardim que permitirá a contemplação da muralha e do rio.



Actual



Proposta

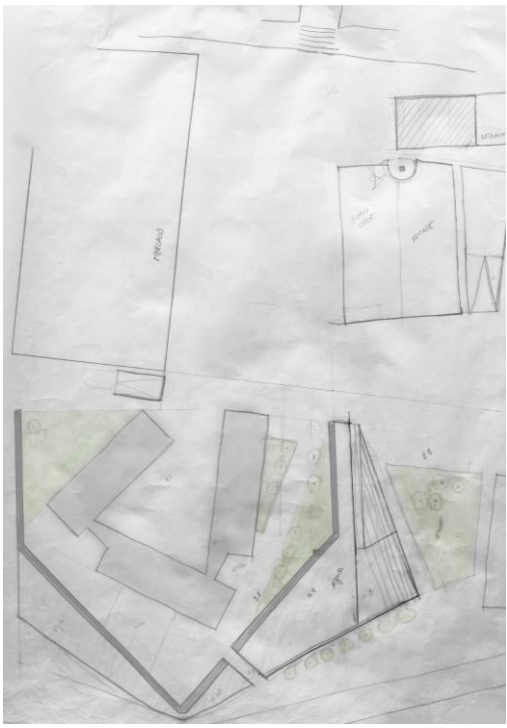


Figura 38| Proposta de intervenção urbana

Desenho da autora

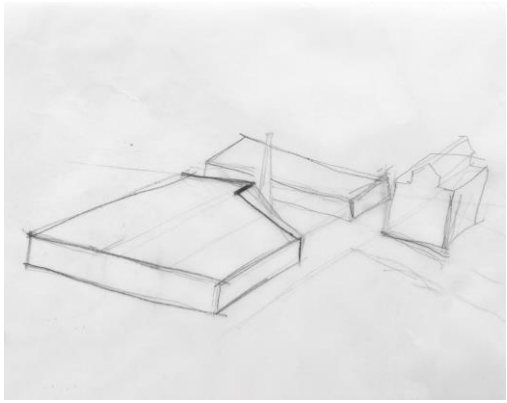


Figura 39| Estudo para o novo volume a nascente da praça (Edifício do Pingo doce)

Desenho da autora

Figura 40| Maquete de estudo Actualidade

Figura 41| Maquete de estudo Proposta Urbana

5.2 | Viver o baluarte

O baluarte, na sua condição actual, apresenta-se descaracterizado, parcialmente enterrado e coberto por antigas estruturas fabris. Enquanto monumento de interesse cultural não reflecte os valores que lhe são inerentes, e por isso, o vínculo ao passado tende a ser esquecido.



Figura 42| Maquete de estudo Envolvente exterior do baluarte

Imagem da autora

De forma a restabelecer a sua escala e imponência, e resgatar a memória associada, revelou-se importante, ao longo de seu perímetro exterior, descobrir a estrutura enterrada e criar um desnível, como um fosso alargado, que desse lugar a um espaço de água, de modo a reconstituir a conexão primordial com este elemento. É a partir desta envolvente imediata que se tem acesso ao seu interior: a sul, através de uma ponte sobre a água e, a norte, pela praça criada.

No seu interior, a introdução de um novo equipamento fomenta a relação entre passado e presente pelo que se torna necessário perceber o tipo de abordagem a seguir na concepção do objecto arquitectónico a propor.

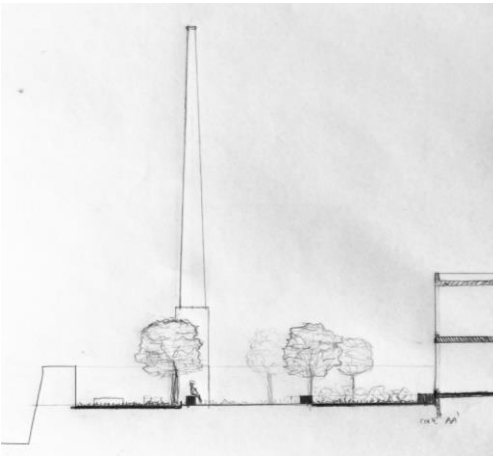


Figura 43| Corte de estudo da relação dos espaços verdes no interior do baluarte, com a muralha e a residência de estudantes

Desenho da autora

O desenvolvimento da volumetria da residência de estudantes teve como premissa inicial permitir o acesso do público ao espaço interior do baluarte. Deste modo, procurou-se centrar o edifício de modo a criar um percurso junto à muralha, acompanhado de espaços ajardinados, convidando as pessoas a entrar e a permanecer.

O volume assume uma forma triangular aberta, composta por dois braços que se ligam a um corpo central, no piso 1, formando um vazio ao centro com ligação à praça a norte e com atravessamentos entre os mesmos. A sua orientação e forma deriva das relações que se procurou estabelecer com a

nova praça, com o baluarte e a paisagem, visto não acompanhar a forma da estrutura muralhada, criando zonas amplas públicas.

Relativamente à relação de escalas, o edifício proposto procura manter uma linguagem que valorize a dimensão do baluarte e considere a cércea dos edifícios envolventes. Desde modo, desenvolve-se por dois e três pisos acima do solo e um enterrado, por onde se fará o acesso ao interior da residência de estudantes.

O programa define-se segundo uma lógica de desnivelamento dos pisos internos da residência relativamente à cota da envolvente pública do edifício. Procurou-se potenciar diferentes perspectivas de observação do baluarte a partir do interior e marcar a distinção entre a dimensão pública da rua e a dimensão privada da residência. Assumindo a cota da rua a 3.50m, o piso -1 encontra-se à cota -0.52m, e os pisos 0, 1 e 2 às cotas 4.00m, 7.20m e 10.4m, respectivamente.

O acesso à residência é feito à cota -0.52m, a partir de uma rampa (Fig.44), acompanhada por um plano de jardim, que se desenvolve a poente do volume e, simultaneamente, gera o limite de um dos pátios. É neste nível que se encontra o espaço de entrada sendo, a partir deste, que se distribuem as áreas comuns do programa, bem como as áreas técnicas necessárias. A rampa funciona como um elemento de transição entre cotas, separando o plano público da rua do plano da entrada da residência, assegurando a privacidade ao acesso dos estudantes. A relação deste piso com o exterior estabelece-se através de pátios[28], contíguos às áreas de lazer e estar, estudo e fitness, como também, mediante planos inclinados que permitem a entrada de luz nos espaços internos. O espaço central da

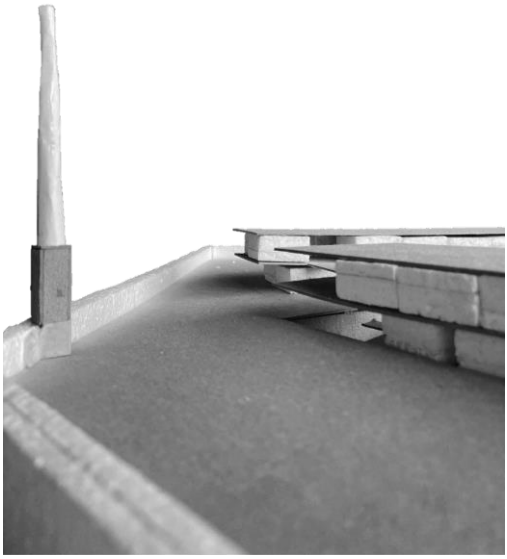


Figura 44| Maquete de estudo da posição dos módulos dos quartos (cubo esferovite) e relação com a envolvente

Imagem da autora

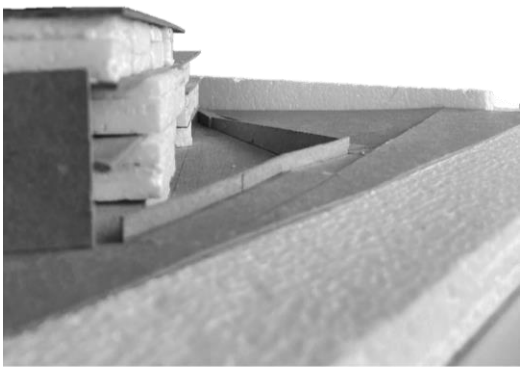


Figura 45| Maquete de estudo, rampa de entrada para a residência

Imagem da autora

[28] O piso enterrado comporta dois pátios, um a poente e outro a sul.

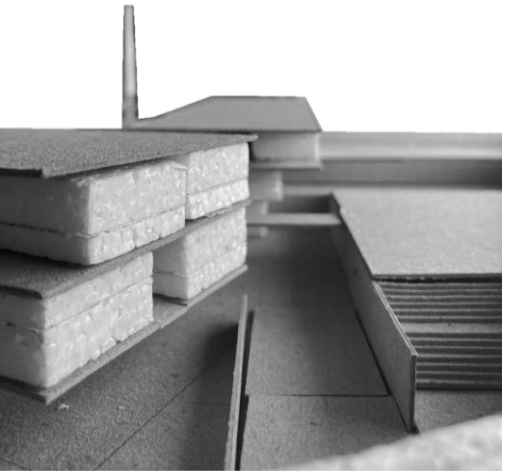


Figura 46| Maquete de estudo
Entrada da residência

Imagem da autora



Figura 47| Estudo da posição dos quartos de modo a permitir a entrada de luz no corredor central

Imagem da autora

residência corresponde à principal área de convívio que se abre para um pátio voltado a sul, o qual se estende até ao muro do baluarte. Esta localiza-se imediatamente por baixo do corpo central, sendo aqui que se faz a ligação aos elementos de circulação vertical de acesso aos restantes pisos. A sala de estudo e o espaço fitness abrem-se para o pátio a poente.

Os pisos à superfície acomodam os quartos e os espaços de refeição. De modo a disponibilizar o maior número de quartos e viabilizar uma relação de vizinhança entre estudantes do mesmo piso, optou-se por uma distribuição em galeria central. À semelhança do projecto da Residência de estudantes da Ajuda, pelo atelier CVDB, o módulo do quarto é composto por uma zona de transição fechada, entre o corredor e a área privada de dormir, que quando aberta cria um espaço de convívio entre unidades opostas. As cozinhas localizam-se, ao eixo do corredor, no topo norte de cada braço, voltando-se para a praça, e no topo nascente no corpo central.

A determinação da estrutura do edifício parte das dimensões do módulo dos quartos e da sua repetição ao longo do volume, que consequentemente define os restantes espaços do programa.

A imagem exterior da residência procura reflectir a expressividade maciça do baluarte através da horizontalidade marcada pelo volume, transmitida pela forma paralelepipédica alongada, e do material de revestimento escolhido, a pedra Lioz bege.

O Quarto

Internamente, o módulo permite a estadia de dois estudantes, podendo ser de modo individual ou partilhado. É

composto por uma zona de entrada/ transição, onde se situa a I.S que se divide em duas áreas distintas, e a zona privada do quarto. Este organiza-se na longitudinal com o mobiliário encostado às paredes laterais, criando uma zona livre, ao meio, alinhada com o vão envidraçado. Este desenha-se na vertical e actua como uma porta para o exterior.

Visto que o corredor de acesso aos quartos é interno e carece de luz natural, optou-se por alongar o vão das portas do módulo do quarto e adicionar um plano transparente por cima, para permitir a passagem da luz.

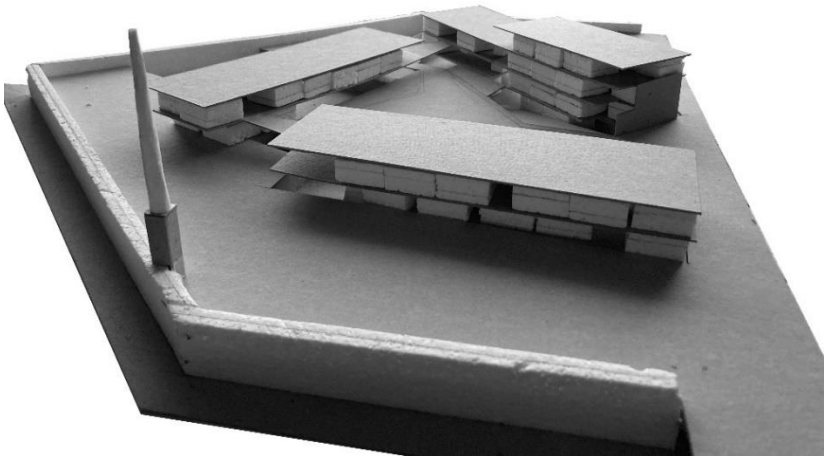


Figura 48| Maquete de estudo da relação do volume com o baluarte do livramento

Imagem da autora



Figura 49| Planta de estudo do volume da residência. Relação estrutura-quarto

Imagem da autora

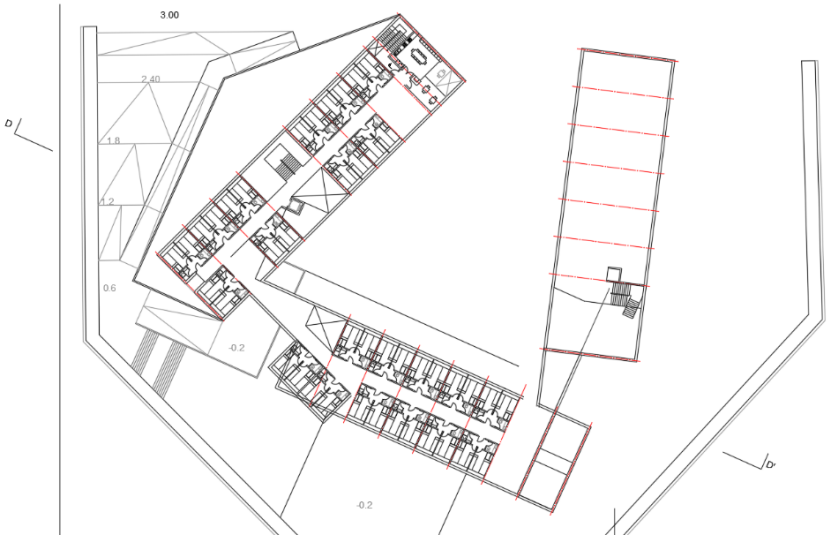


Figura 51| Planta Piso 1

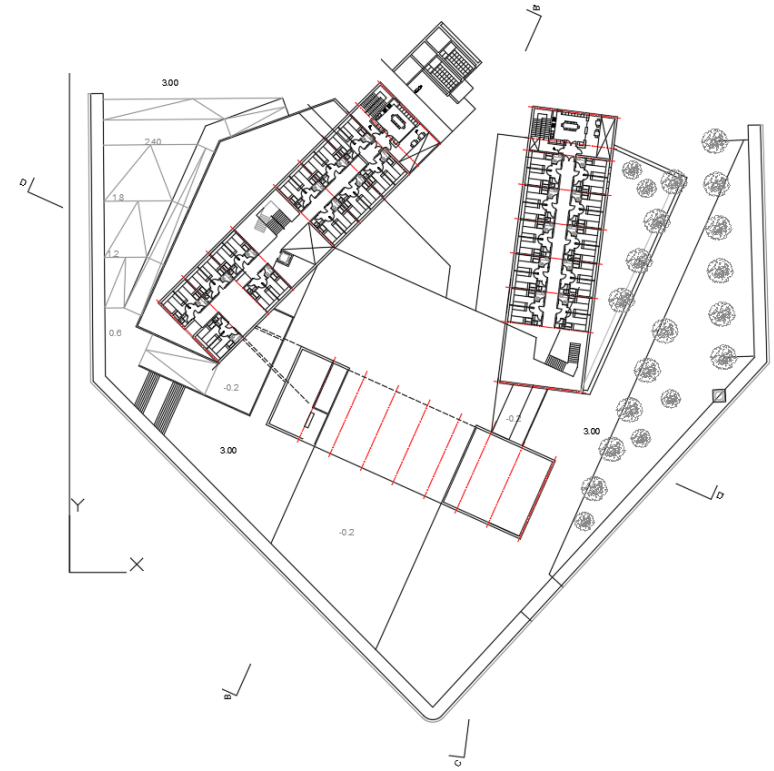


Figura 52| Planta piso 0

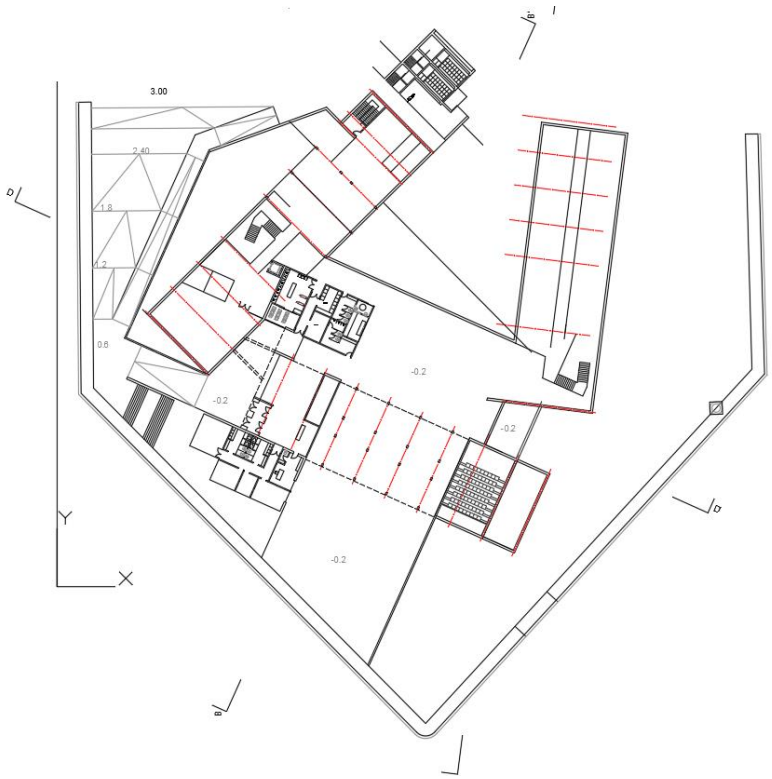


Figura 53| Planta Piso -1, piso espaços comuns



Figura 54| Planta aproximada das zanas de refeição

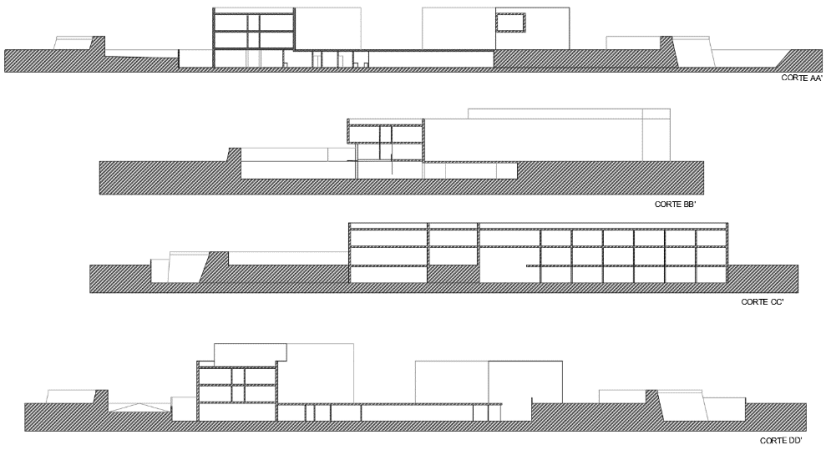


Figura 55| Cortes exploratórios

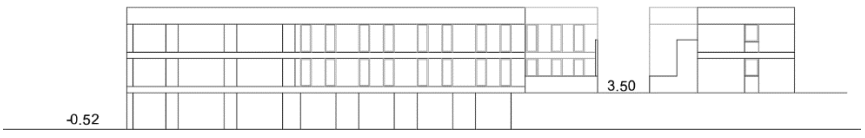


Figura 56| Estudo do Alçado Nascente

06|

CONSIDERAÇÕES FINAIS

06 | Considerações Finais

A frente ribeirinha de Setúbal, outrora um lugar extremamente dinâmico e que fomentava a relação da cidade com o rio, apresenta-se hoje como um território barreira parcialmente desactivado.

Os sucessivos aterros sobre o rio, consequência do crescimento da cidade, contribuíram para a alteração da linha de costa que escondeu, em parte, as estruturas abaluartadas da muralha seiscentista, antigamente dentro de água, aumentando a distância do núcleo histórico à margem e dando lugar ao desenvolvimento industrial conserveiro.

O vínculo ao rio é quebrado durante o processo de desindustrialização da frente, visto constituir uma área menos nobre da cidade associada a um carácter meramente operacional e laboral. Hoje, e após algumas intervenções de regeneração do espaço ribeirinho, ainda são visíveis áreas devolutas, arruinadas e deterioradas que permanecem sem função e que impossibilitam a vivência pública desses espaços.

A proposta de uma Residência de Estudantes no Baluarte do Livramento, assim como a regeneração urbana da sua envolvente, permitirá reconstruir a memória deste espaço e reforçar a relação da cidade com o rio, estimulando novas dinâmicas e a vivência pública do mesmo.

BIBLIOGRAFIA

ARU Setúbal (2017). Operação de reabilitação urbana de Setúbal. Setúbal. Câmara Municipal de Setúbal.

BRITO-HENRIQUES, Eduardo; Cavaco, Cristina; Labastida, Marta (2019). *Ruínas e terrenos vagos: exploração, reflexões e especulações.* Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.

CARIA, Fernando (1989). *Efeitos espaciais da industrialização: a península de Setúbal de 1960 a 1986*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.

Câmara Municipal de Setúbal (2018). Setúbal, uma baía aberta ao mundo.

CAMPOS, Ana Sofia (2013). Os Conventos Sempre se (Re) Converteram Projecto de Intervenção e Reconversão de Usos do Convento de Santa Marta. Lisboa: Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado.

COELHO, Carlos (2015). Os elementos urbanos. Lisboa: Argumentum.

CVDB Arquitectos Associados. (s.d). Residência Universitária UL.

Disponível em:

https://www.cvdbarquitectos.com/new-gallery-87/#itemId=550c3bece4b0c183e2c5cf34

[Consultado a 29/12/23]

DUARTE, Mariana (2021). *A Arquitetura para Residências Universitárias: Seis casos de estudo em Lisboa*. Lisboa: Universidade de Lisboa.

EUmiesward (s.d). Portas do Mar – Public Space and Car Parking
Disponível em:
https://www.miesarch.com/work/4771
[Consultado a 29/12/23]

FARIA, Carlos (1981). *Novo fenómeno urbano, aglomeração de Setúbal: ensaio de sociologia urbana.* Lisboa: Assírio e Alvim.

FARIA, Carlos (2009). *As cidades na cidade: movimentos sociais urbanos em Setúbal 1966-1995*. Lisboa: Esfera de Caos.

FARIA, Célia (2009). *A construção do lugar arquitectónico: A significação da forma arquitectónica na perspectiva da experiência do sujeito*. Lisboa: Universidade técnica de Lisboa. Dissertação de Mestrado.

GONÇALO BYRNE ARQUITETOS. (s.d.). Conversion of the Citadel of Cascais into a Charm Hotel.
Disponível em:
https://www.goncalobyrnearquitectos.com/citadel-ofcascais-home
[Consultado a 29/12/23]

LANÇA, Sara (2015). *Cidade de Setúbal: Requalificação urbana.* Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa. Tese de Mestrado.

LEITE, António; Feliciano, Ana Marta (2016). *Memória, Arquitectura e Projecto: Reflexão e propostas para uma reabilitação sustentada do património urbano e arquitectónico*. Lisboa: By the Book.

LOPES, José; PEREIRA, Alberto (2015). *A indústria das conservas de peixe em Setúbal.*

MACEDO, Isabel; Pinho, Inês (2015). Da traça de Terzi ao plano Aguiar: quatro séculos de estratégia urbana.

MALHEIRO, Joana (2018). *A cidade no estado novo: o desenho urbano na obra de João de António Aguiar*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento.

MARQUES, Nuno (2021). *Setúbal, uma baía aberta ao mundo: Retrato económico do concelho.* Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal.

Ministério do Ambiente e Ordenamento do Território (2000). *Viver Setúbal: programa pólis: programa de requalificação urbana e valorização ambiental de cidades: programa estratégico de Setúbal*. Lisboa: MAOT.

ARU Setúbal (2017). Operação de reabilitação urbana de Setúbal. Setúbal. Câmara Municipal de Setúbal.

QUINTAS, Maria (1993). *Monografia de S. Julião: Setúbal.* Setúbal: Junta de Freguesia de S. Julião.

QUINTAS, Maria (2003). *Porto de Setúbal. Um actor de desenvolvimento: História de um passado com futuro.* Setúbal: APSS

RODRIGUES, Joseph (2011). *Avenida Luísa Todi, do rio à cidade.* Lisboa: Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado.

RTP (Realizador). (2007). *Evolução da engenharia militar em Portugal.* [Documentário]

PEREIRA, Margarida (2007). *Setúbal, a cidade e o rio: revalorizar a frente ribeirinha.* Setúbalpolis.

POLLAK, Michael (1992). *Memória e identidade social.* In *Estudos Históricos,* vol. 5 (10), 200-212.

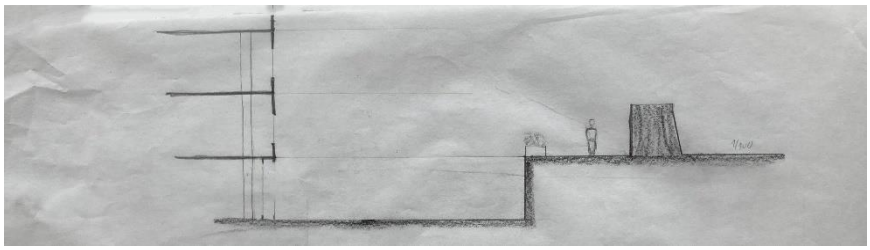
PORTAS, Nuno (1998). *Água: cidades e frentes de água: mostra de projectos de reconversão urbana em frentes de água.* Lisboa: APL.

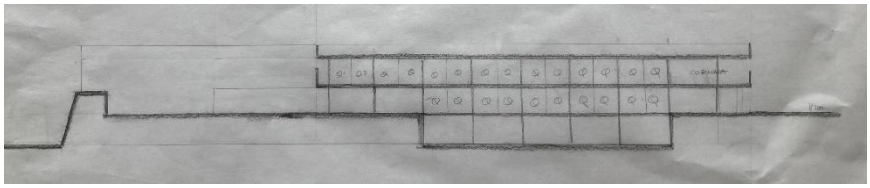
SANTOS, João (2005). *Da urbanidade à territorialidade das margens do Sado: contributos e desafios para uma regeneração urbana da frente ribeirinha, portuária e industrial de Setúbal*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado.

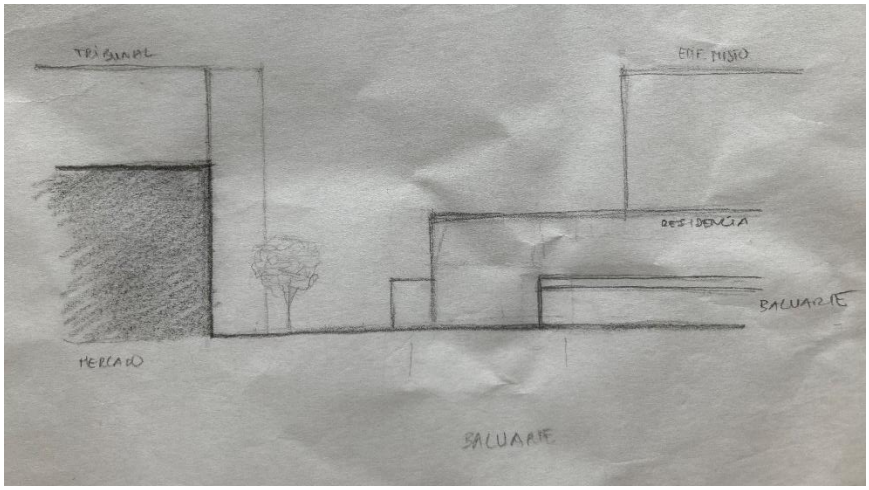
TOMÉ, Manuela (2016). *Topologias e tipologias arquitectónicas. Setúbal: memória e futuro da imagem urbana*. Lisboa: Caleidoscópio.

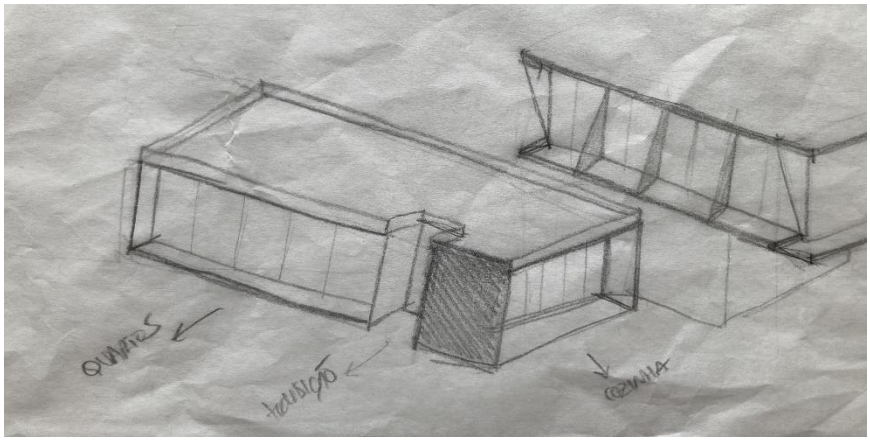
Trienal de Arquitectura (2007). *Vazios Urbanos Urban voids.* Lisboa: Caleidoscópio

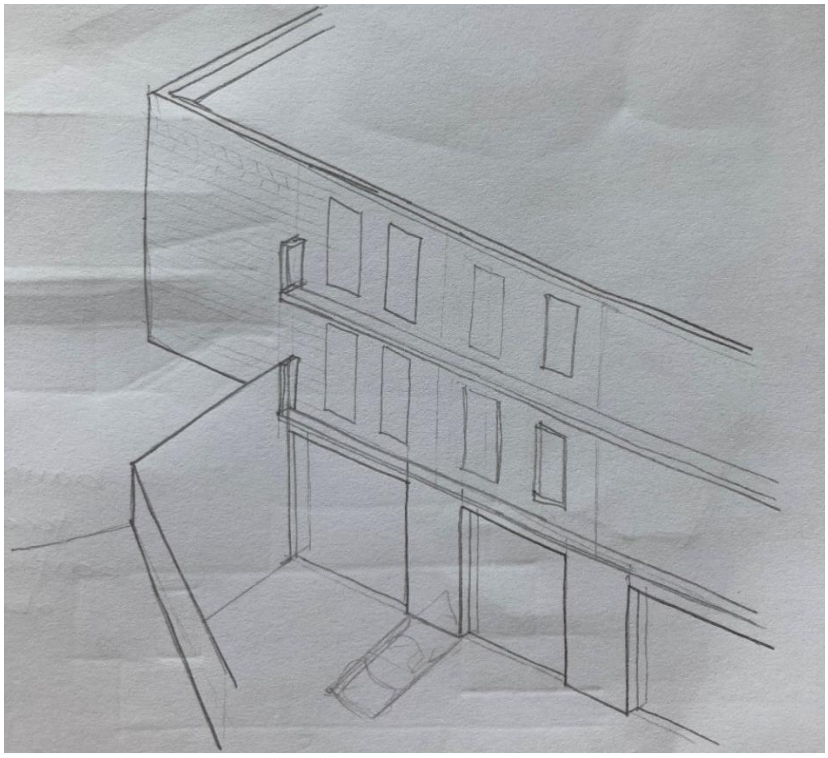
Anexos I - Processo



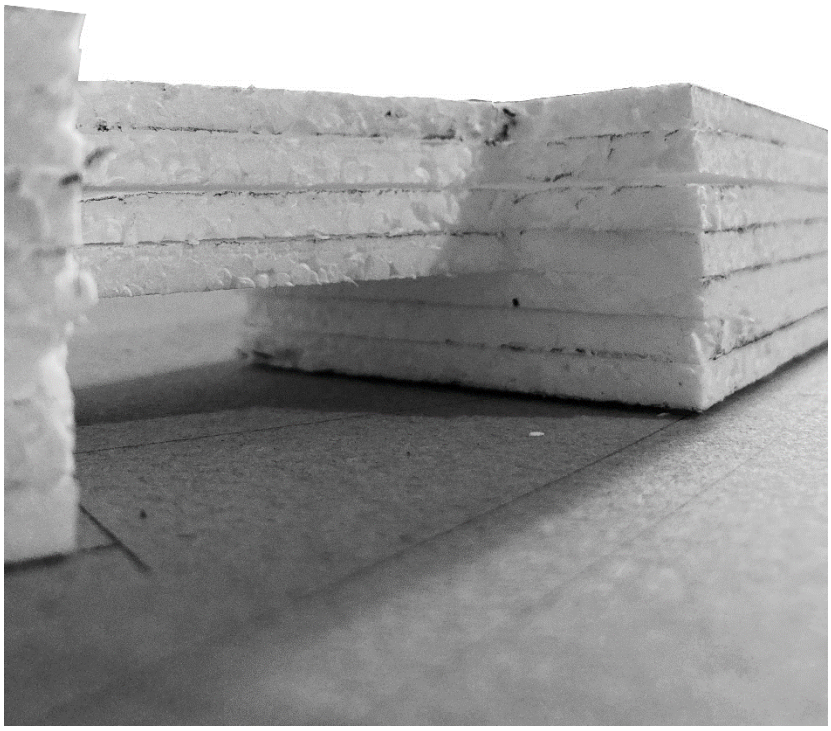


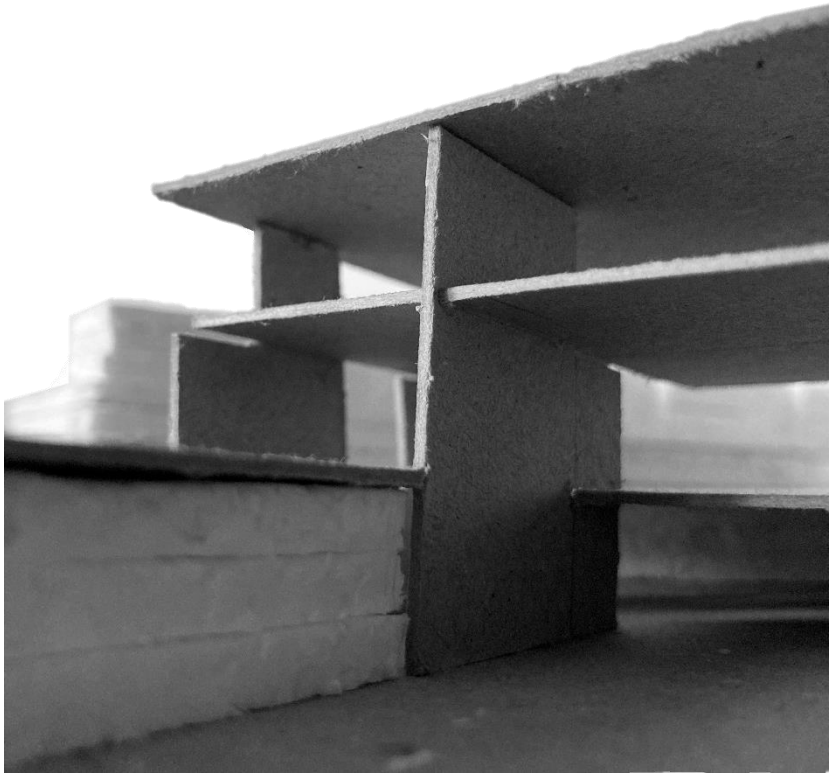


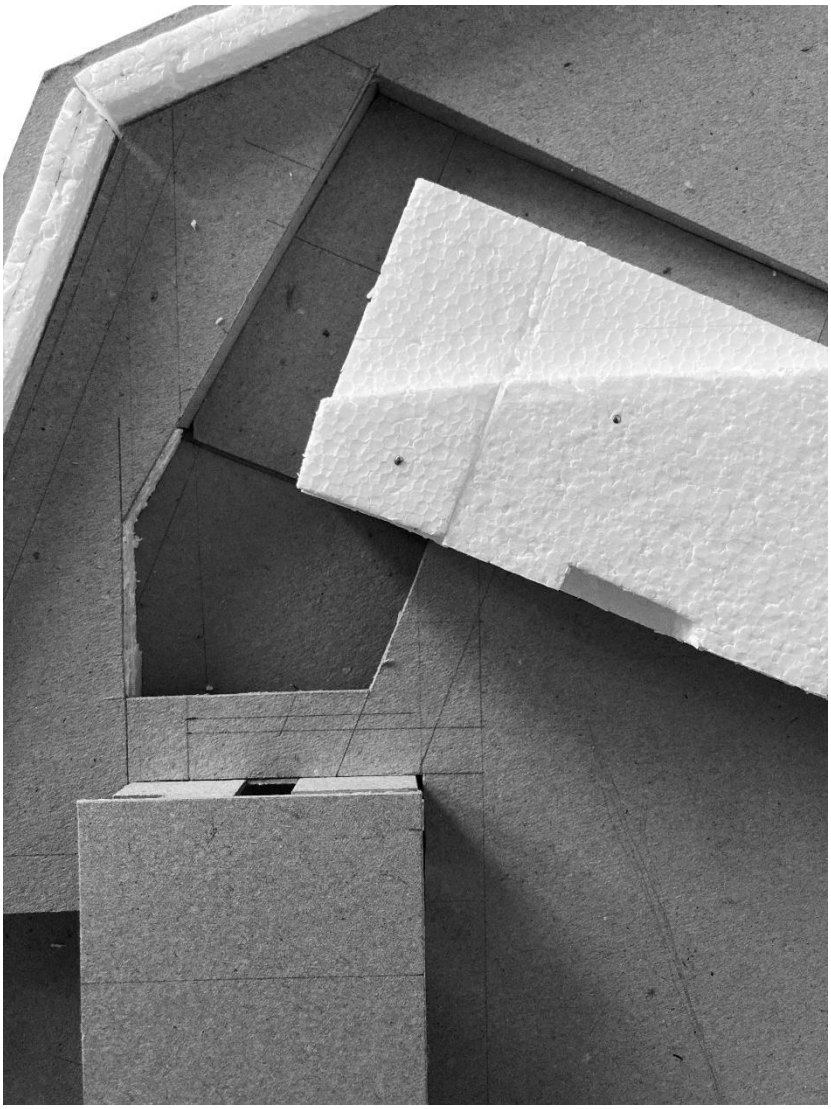




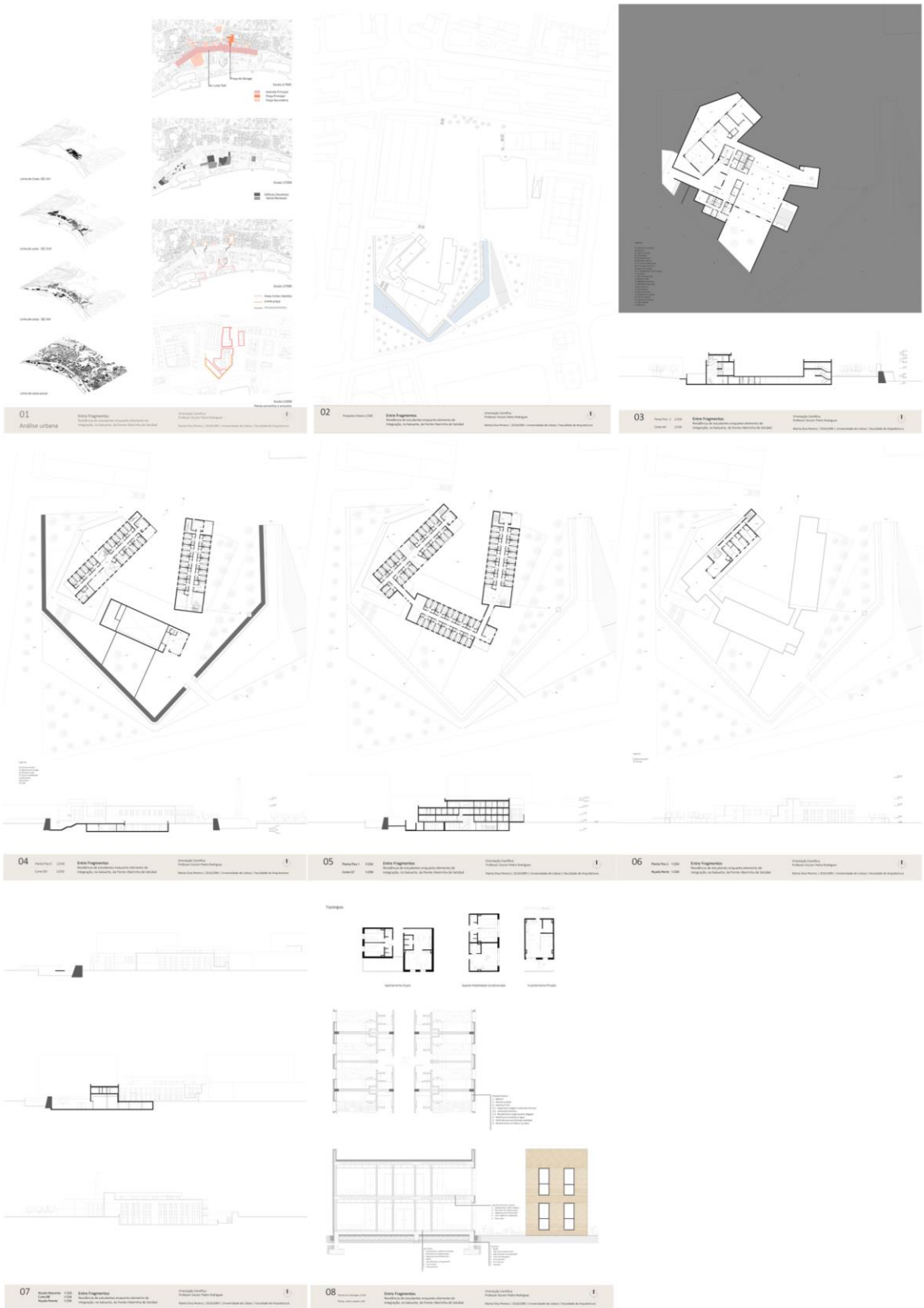








Anexo II – Apresentação final



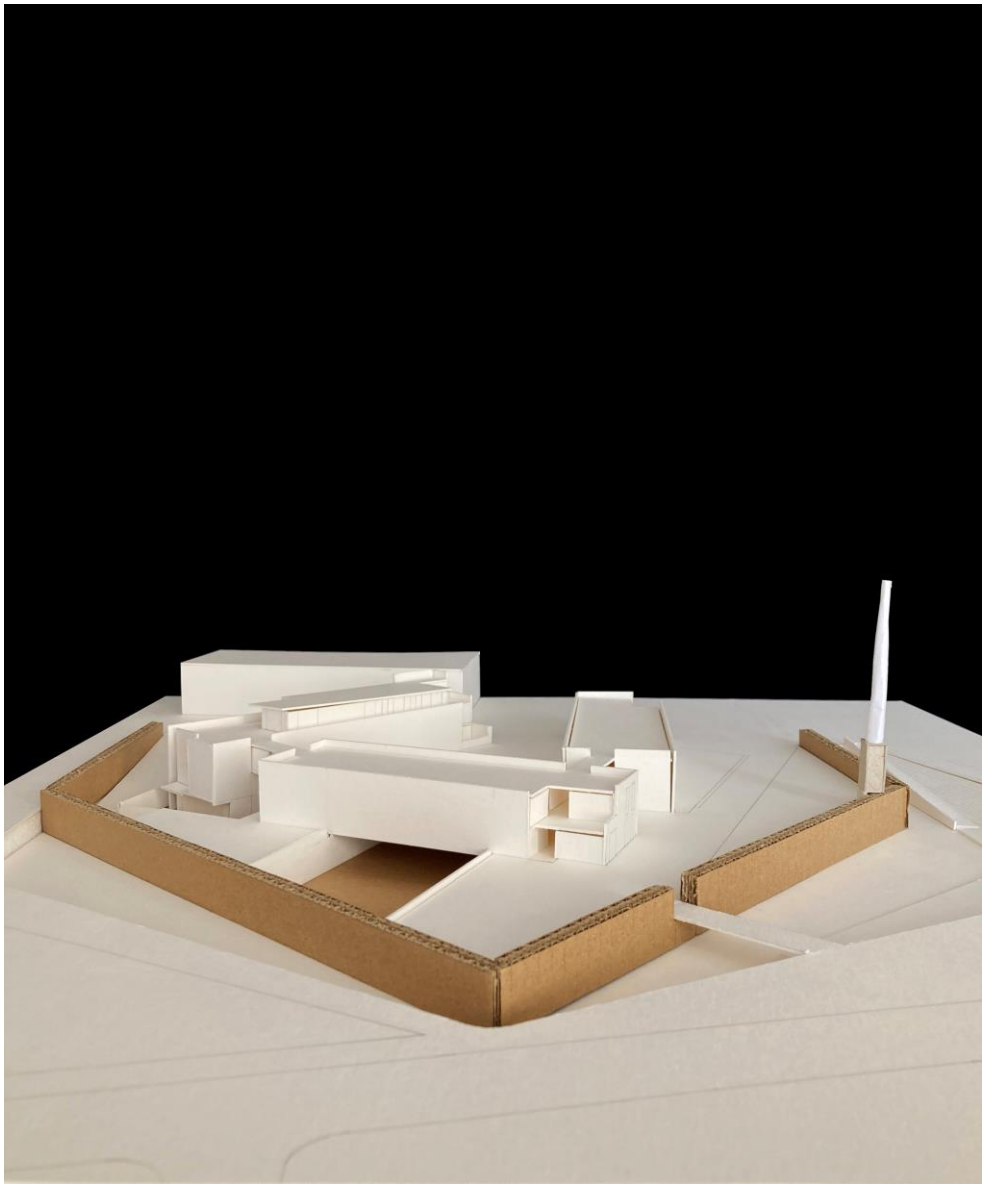






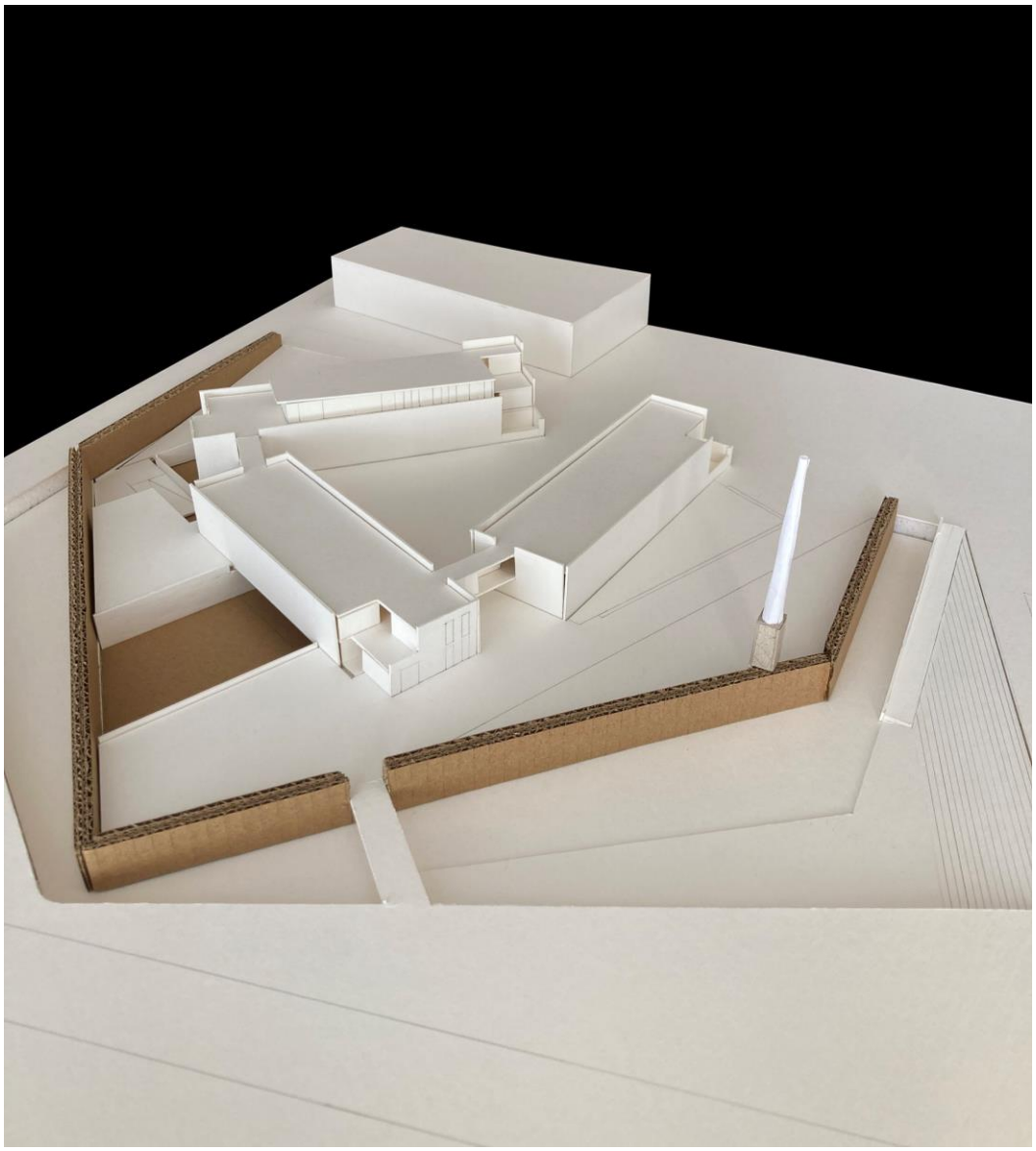


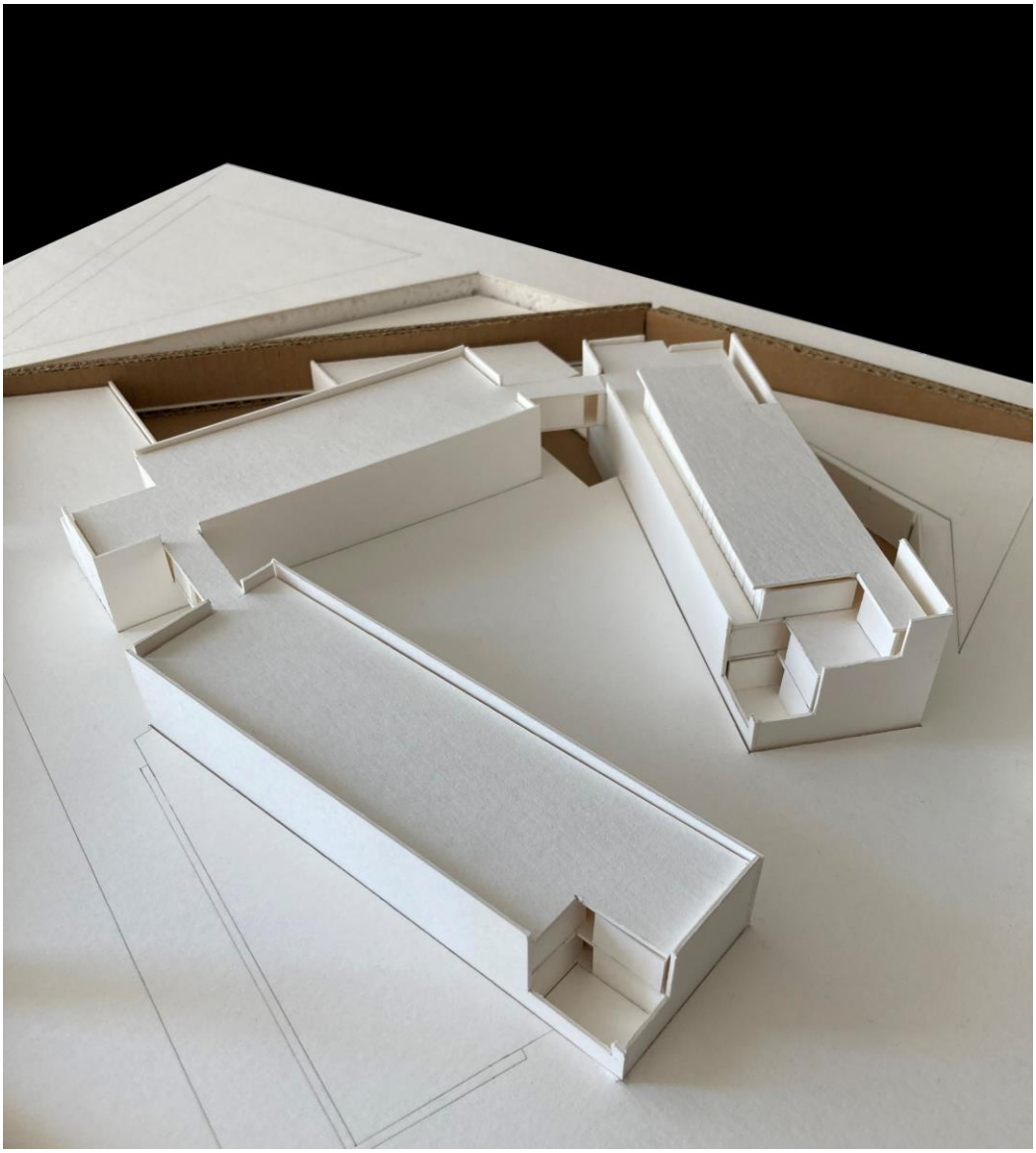






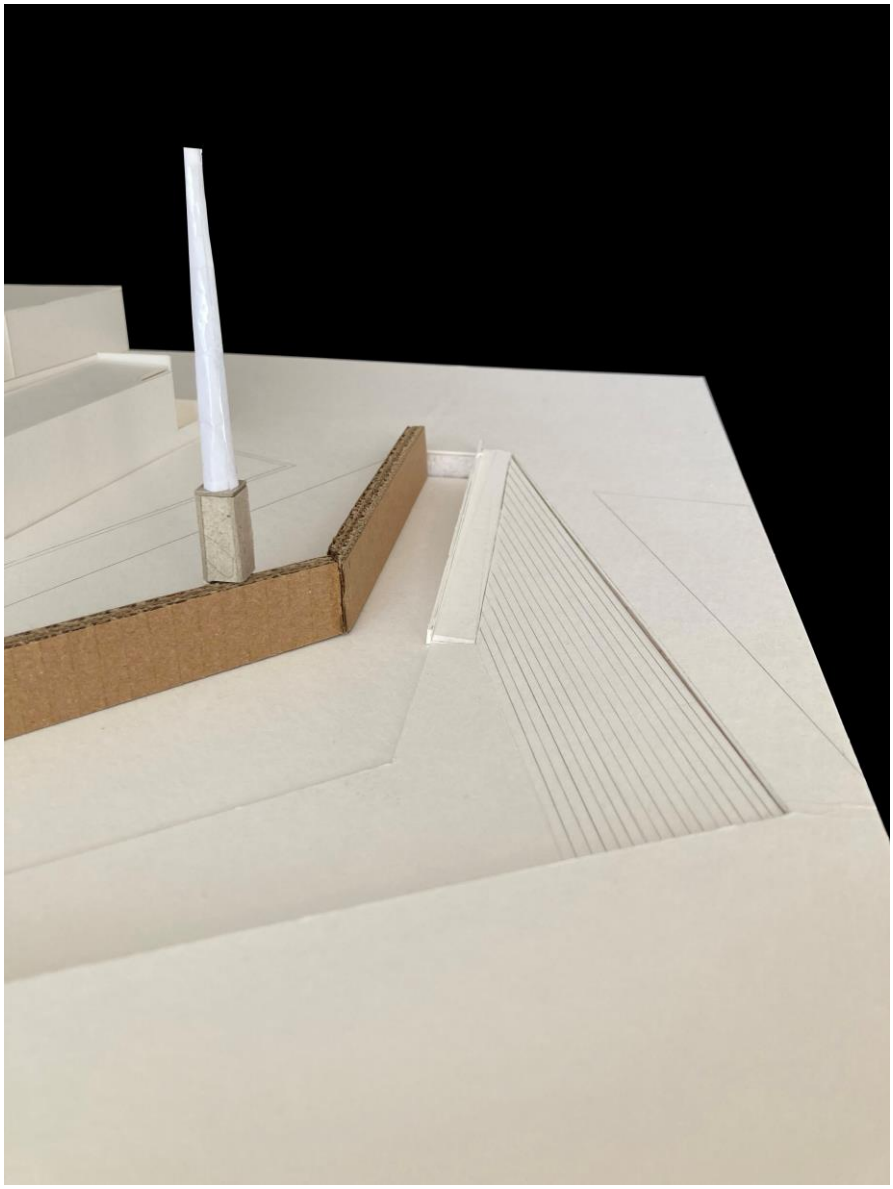






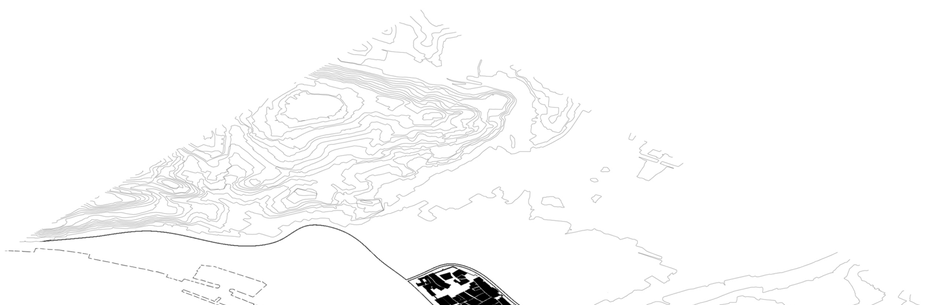








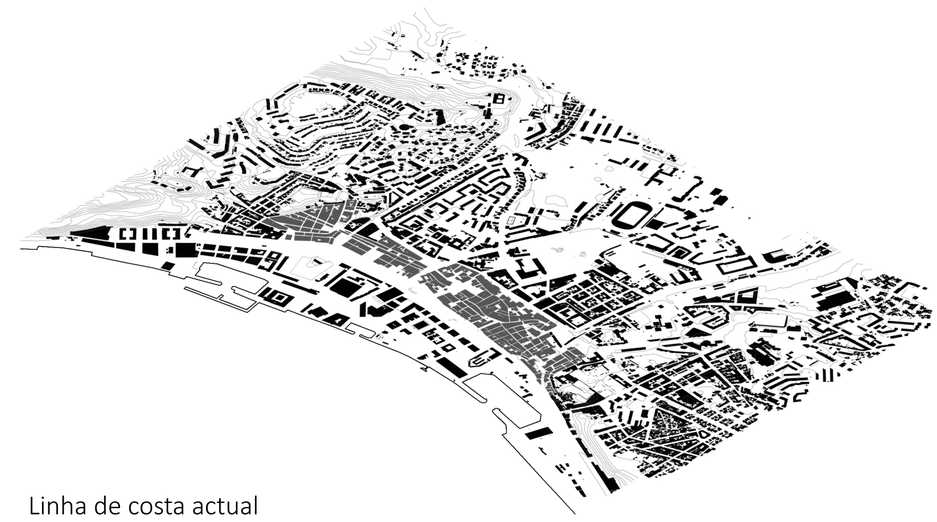
Linha de Costa SÉC.XIV



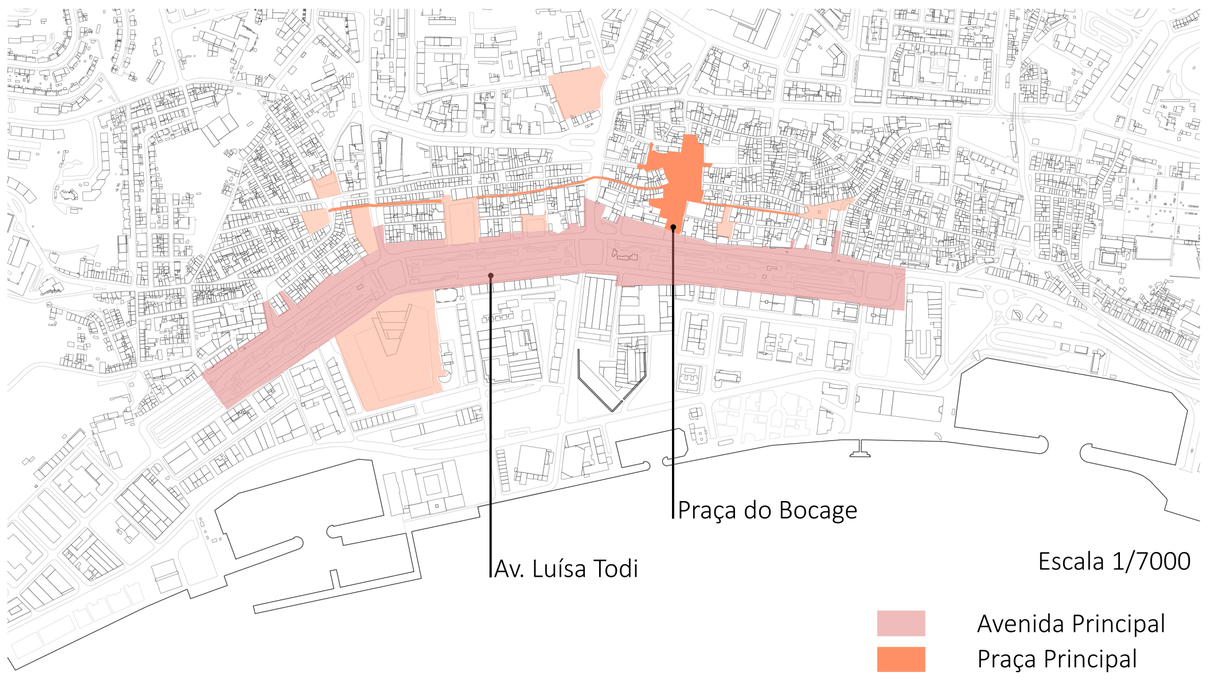
Linha de costa SÉC.XVII



Linha de costa SÉC.XIX

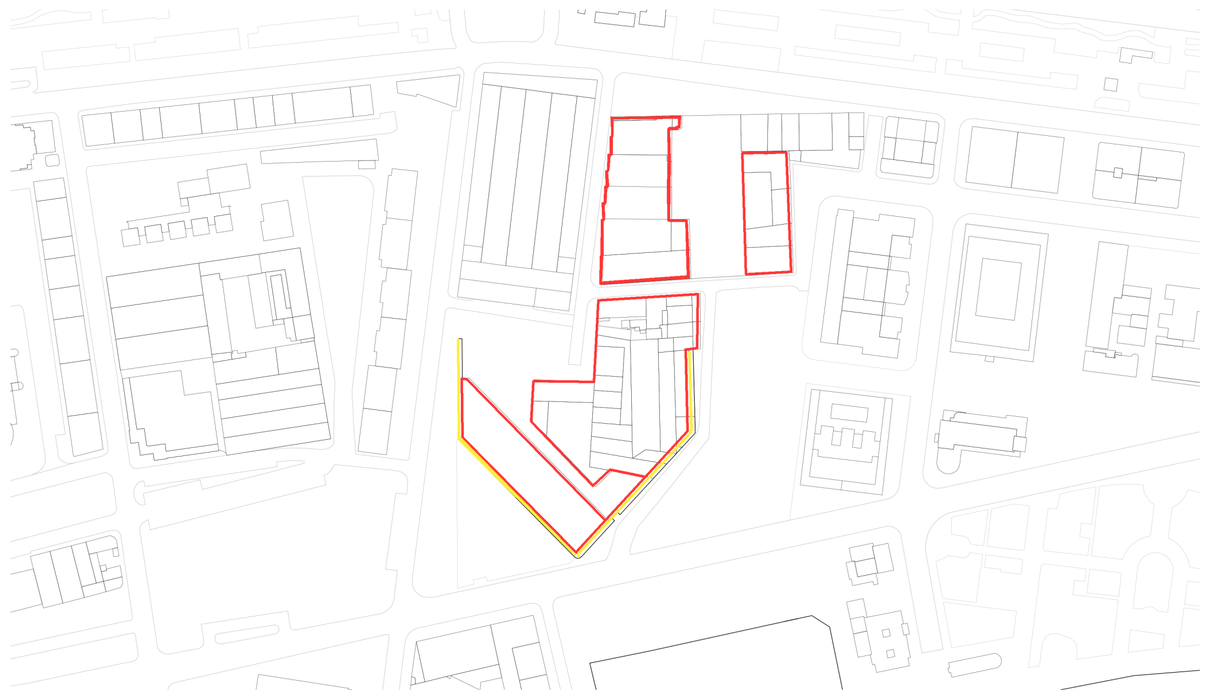


Linha de costa actual









Escala 1/2000
Planta vermelhos e amarelos

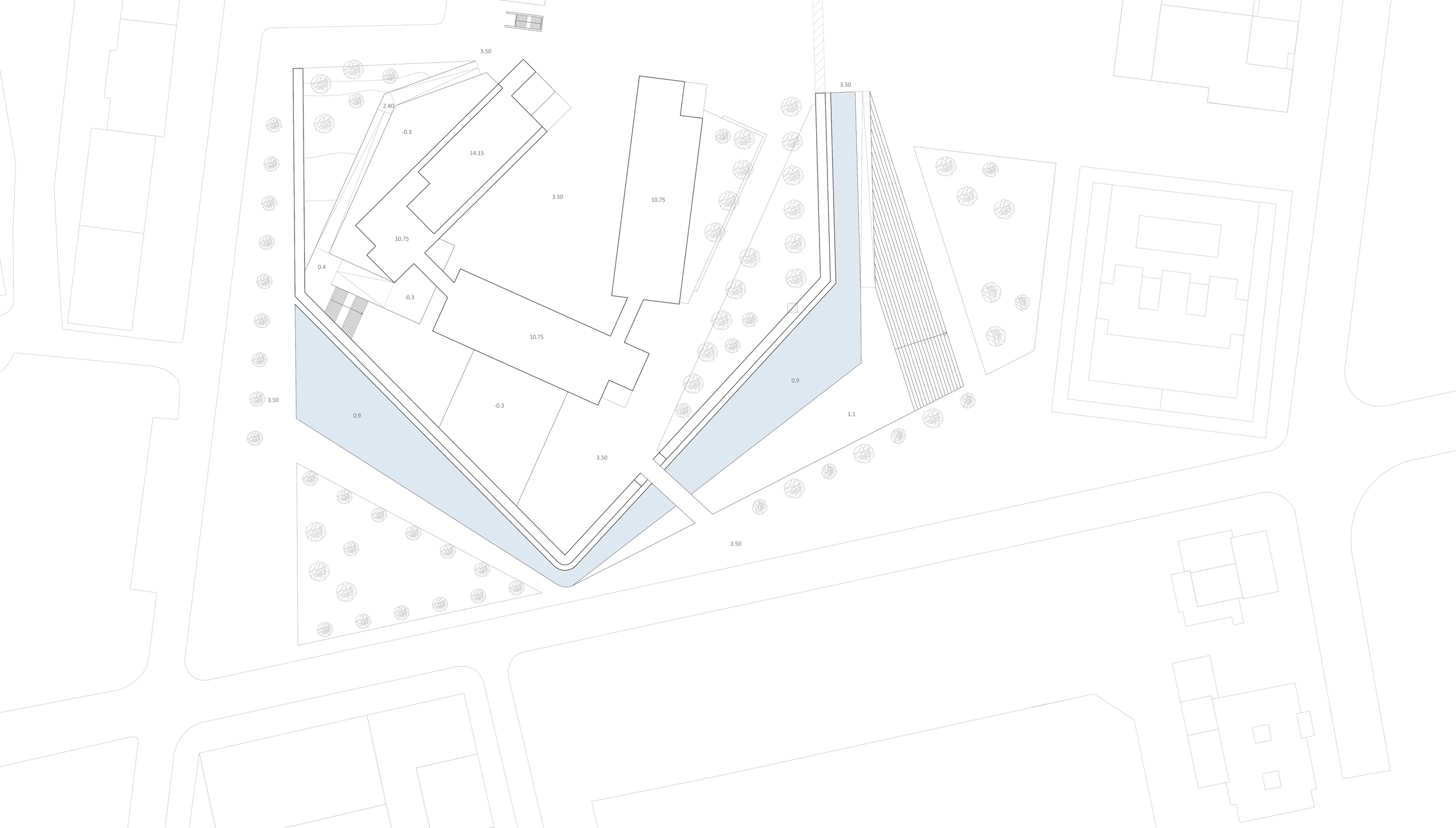
01

Análise urbana

Entre Fragmentos
Residência de estudantes enquanto elemento de integração, no baluarte, da frente ribeirinha de Setúbal

Orientação Científica:
Professor Doutor Pedro Rodrigues

Marta Silva Pereira | 20161099 | Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitectura



02

Proposta Urbana 1/500

Entre Fragmentos

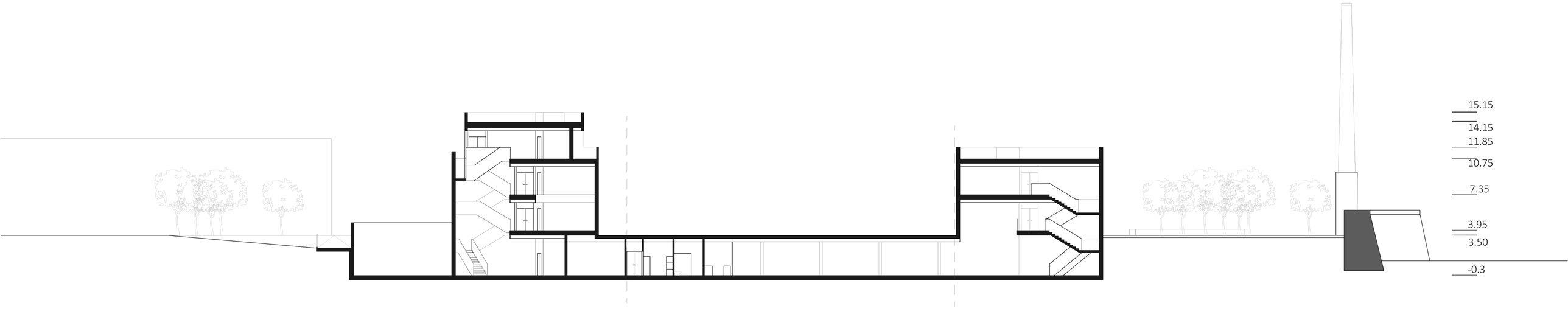
Residência de estudantes enquanto elemento de integração, no baluarte, da frente ribeirinha de Setúbal

Orientação Científica:
Professor Doutor Pedro Rodrigues

Marta Silva Pereira | 20161099 | Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitectura

Legenda:

01 Entrada e recepção
02 Ginásio
03 Sala de Estudo
04 Lavandaria
05 Rouparia Sujos
06 Rouparia Limpos
07 I.S Comum Masculina
08 I.S Comun Feminina
09 Apoio de cozinha
10 I.S Mobilidade Condicionada
11 Arrumos
12 Sala da Segurança
13 Sala dos Lixos
14 Balneário Feminino
15 Balneário Masculino
16 Área Técnica
17 Área técnica
18 Sala do pessoal
19 Gabinete de Gestão
20 Sala de Cinema
21 Espaço de convivio
22 Pátio Poente
23 Pátio Sul



03

Panta Piso -1 1/250

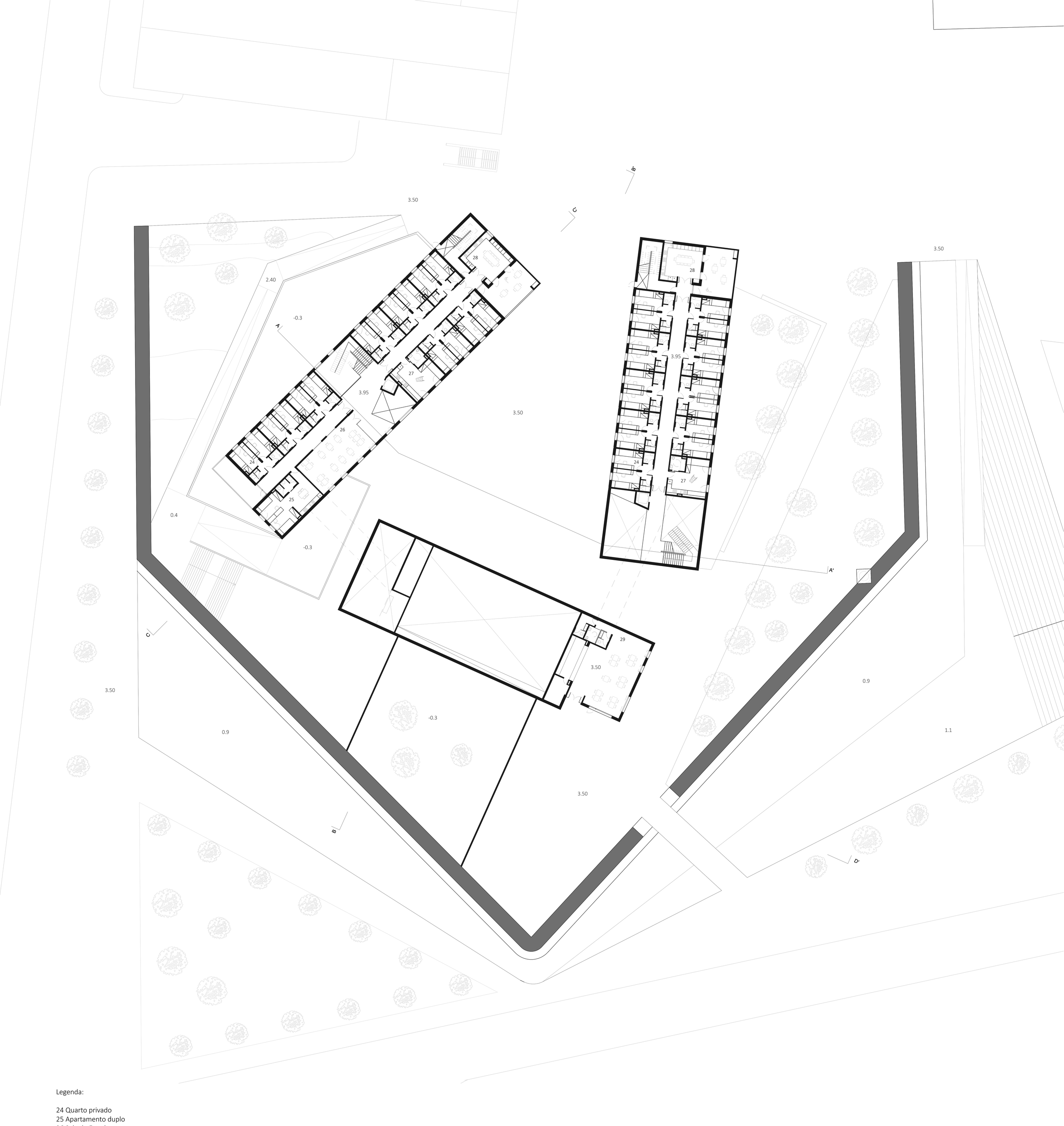
Corte AA´ 1/250

Entre Fragmentos

Residência de estudantes enquanto elemento de integração, no baluarte, da frente ribeirinha de Setúbal

Orientação Científica:
Professor Doutor Pedro Rodrigues

Marta Silva Pereira | 20161099 | Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitectura



Legenda:

24 Quarto privado
25 Apartamento duplo
26 Sala de Estudo
27 Quarto mobilidade condicionada
28 Cozinha
29 Café

04

Planta Piso 0 1/250

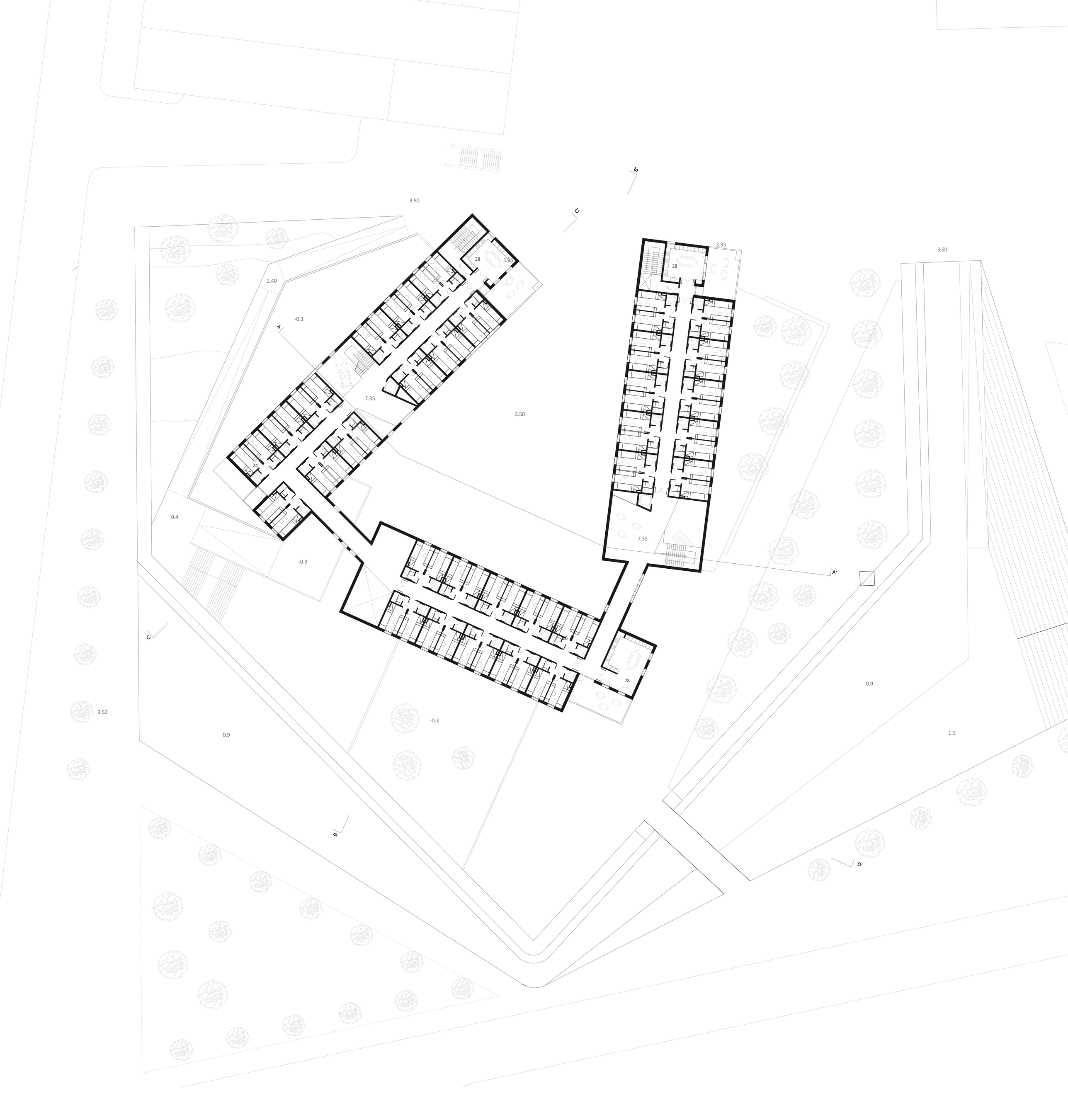
Corte DD' 1/250

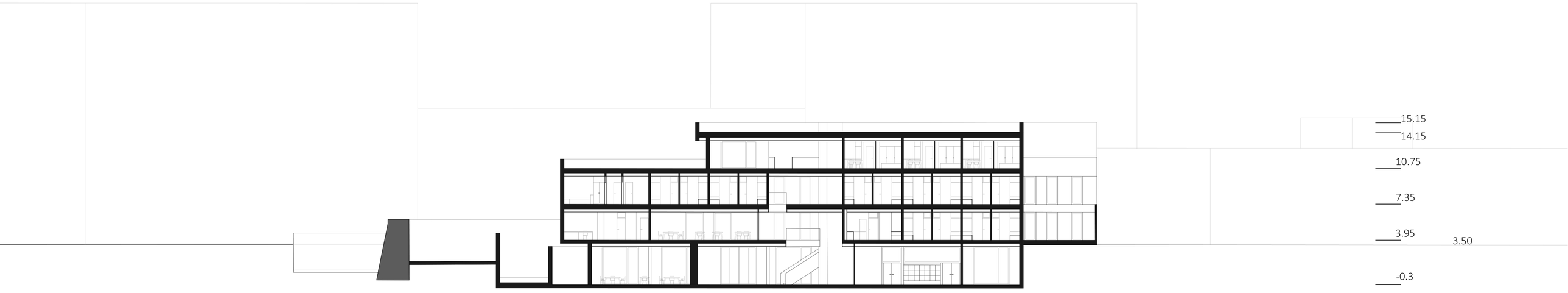
Entre Fragmentos

Residência de estudantes enquanto elemento de integração, no baluarte, da frente ribeirinha de Setúbal

Orientação Científica:
Professor Doutor Pedro Rodrigues

Marta Silva Pereira | 20161099 | Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitectura





05

Planta Piso 1 1/250

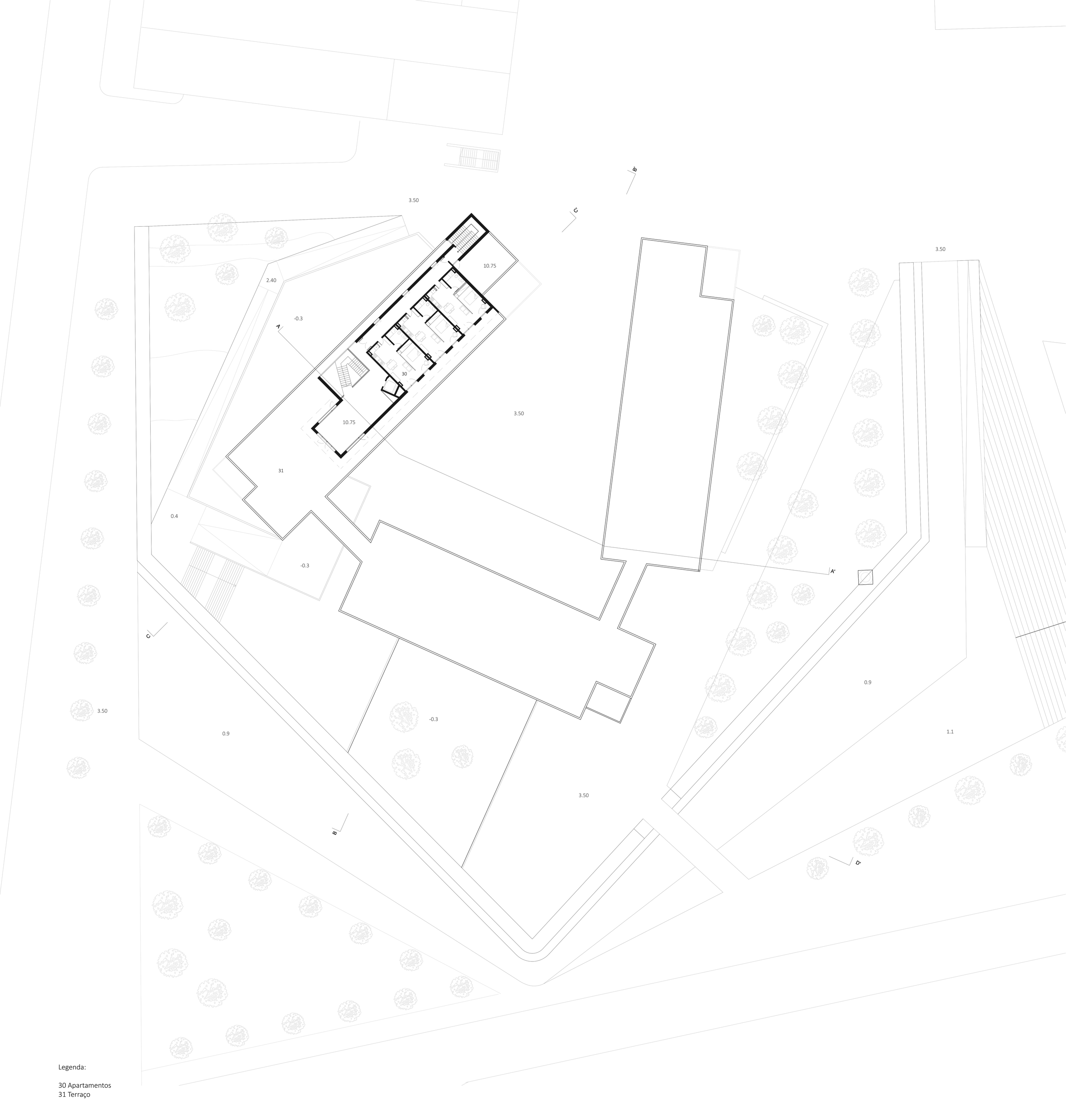
Corte CC' 1/250

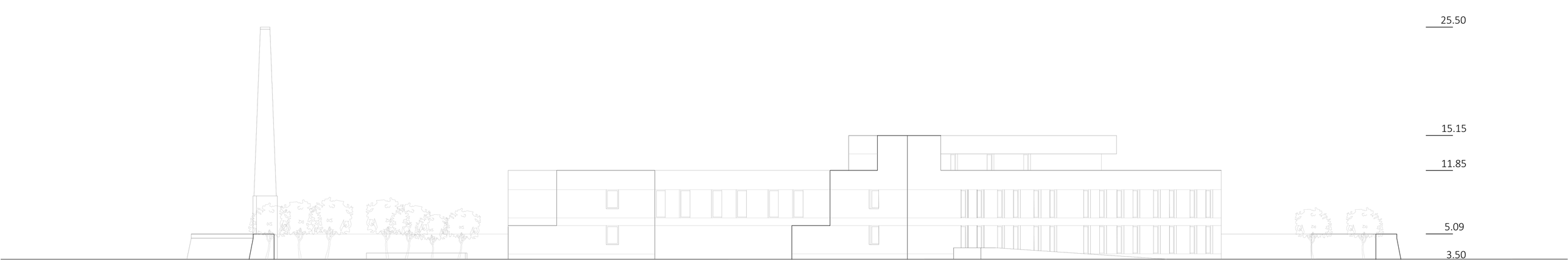
Entre Fragmentos

Residência de estudantes enquanto elemento de integração, no baluarte, da frente ribeirinha de Setúbal

Orientação Científica:
Professor Doutor Pedro Rodrigues

Marta Silva Pereira | 20161099 | Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitectura





Legenda:

30 Apartamentos
31 Terraço

06

Planta Piso 2 1/250

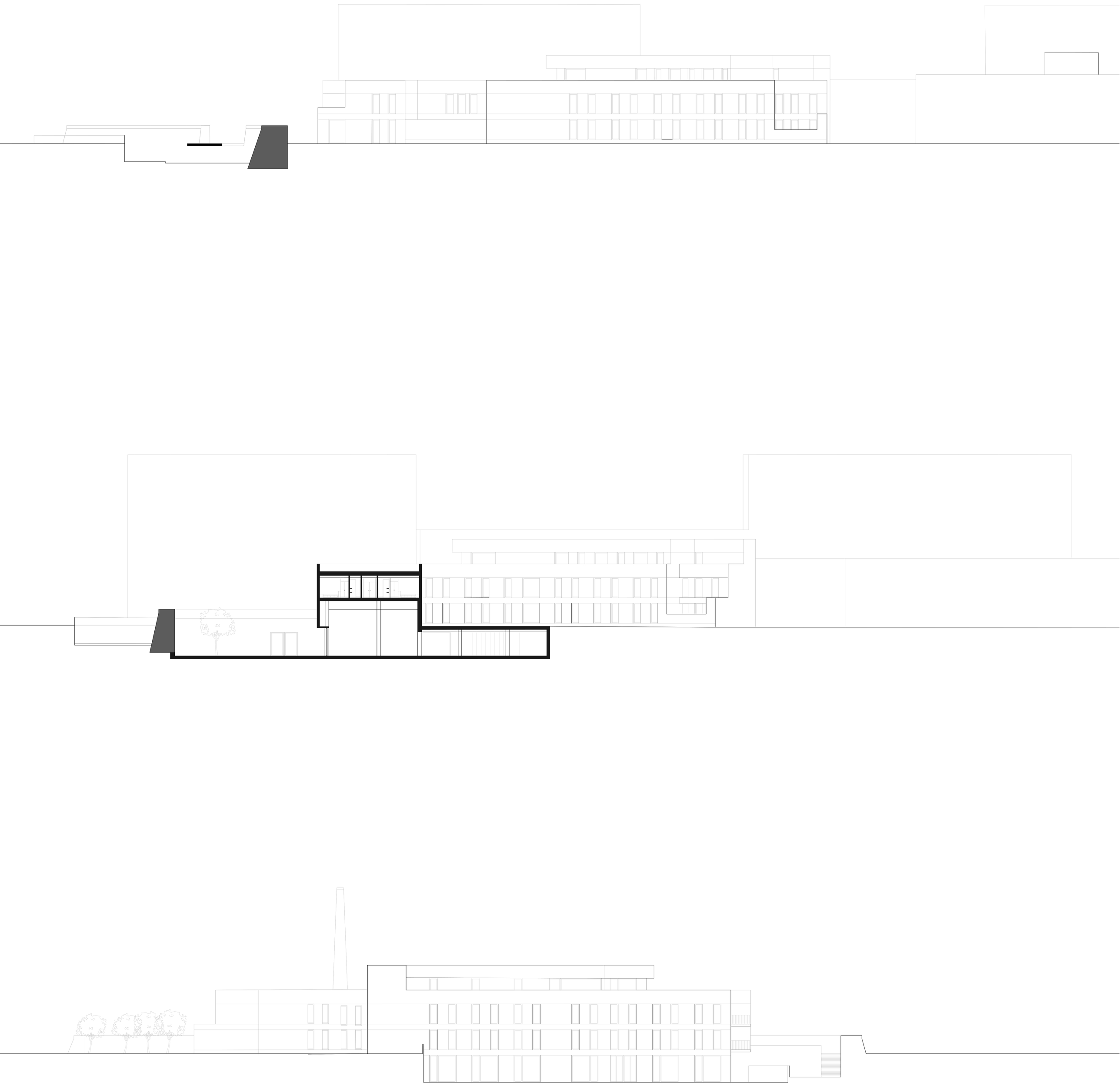
Alçado Norte 1/250

Entre Fragmentos

Residência de estudantes enquanto elemento de integração, no baluarte, da frente ribeirinha de Setúbal

Orientação Científica:
Professor Doutor Pedro Rodrigues

Marta Silva Pereira | 20161099 | Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitectura



07

Alçado Nascente 1/250
Corte BB' 1/250
Alçado Peonte 1/250

Entre Fragmentos

Residência de estudantes enquanto elemento de integração, no baluarte, da frente ribeirinha de Setúbal

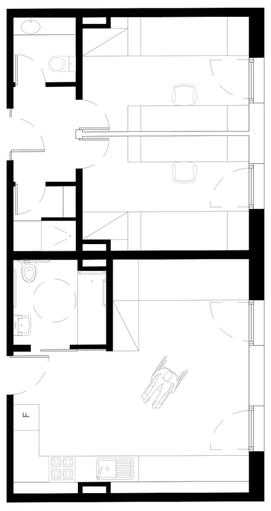
Orientação Científica:
Professor Doutor Pedro Rodrigues

Marta Silva Pereira | 20161099 | Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitectura

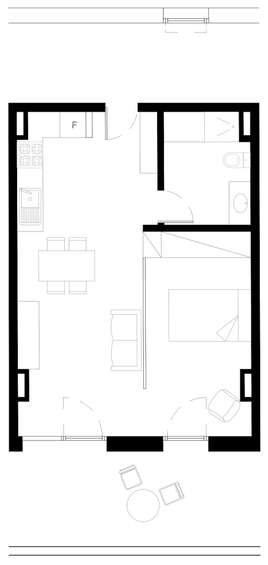
Tipologias



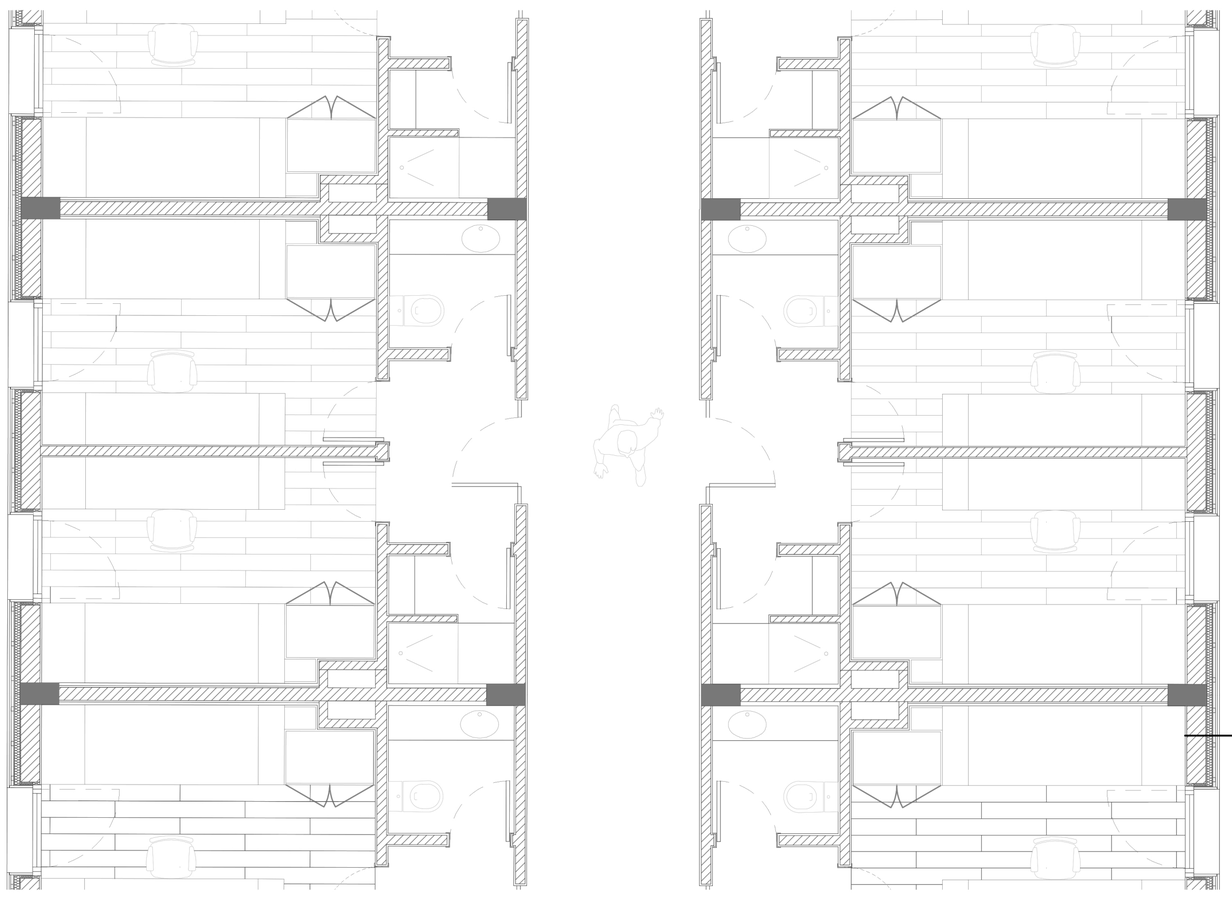
Apartamento Duplo

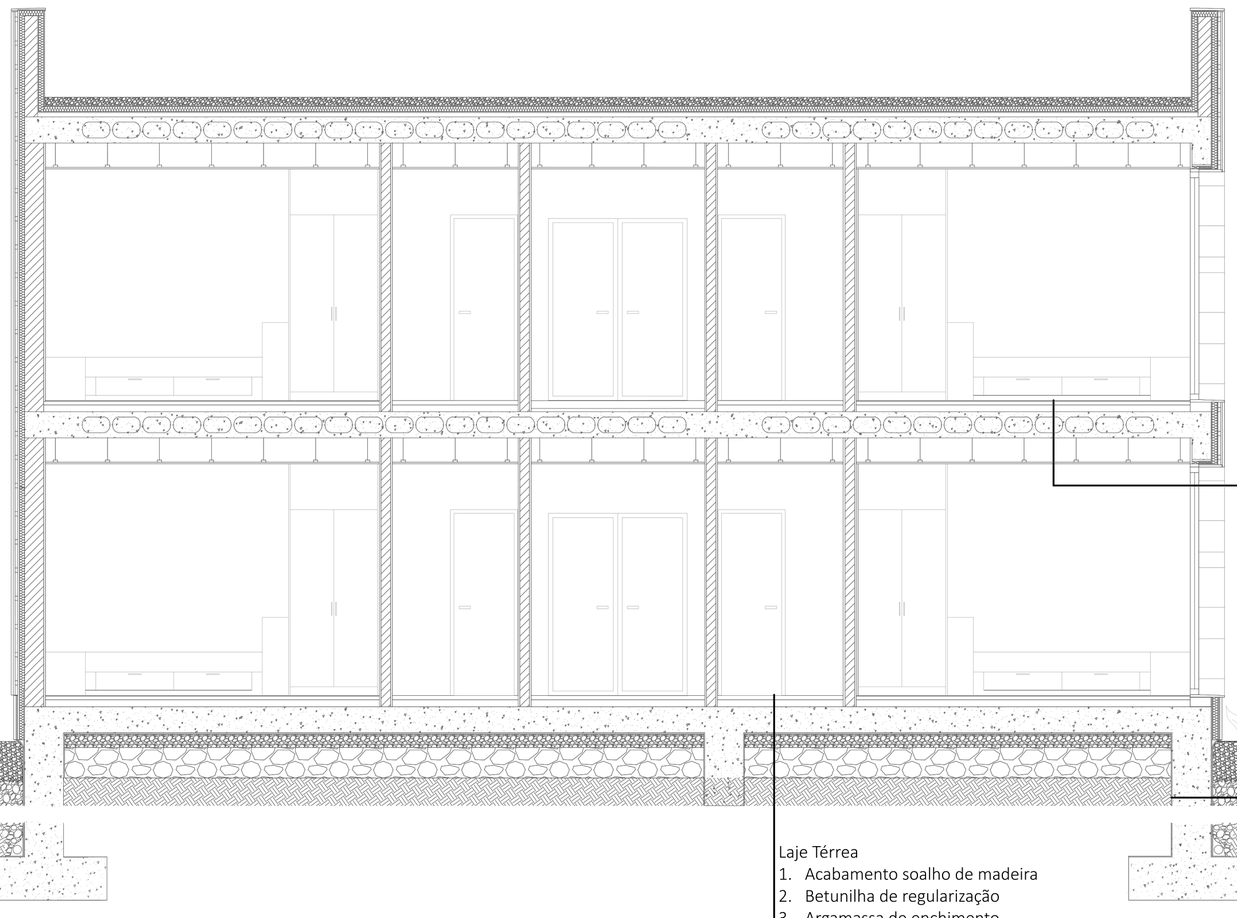


Quarto Mobilidade Condicionada



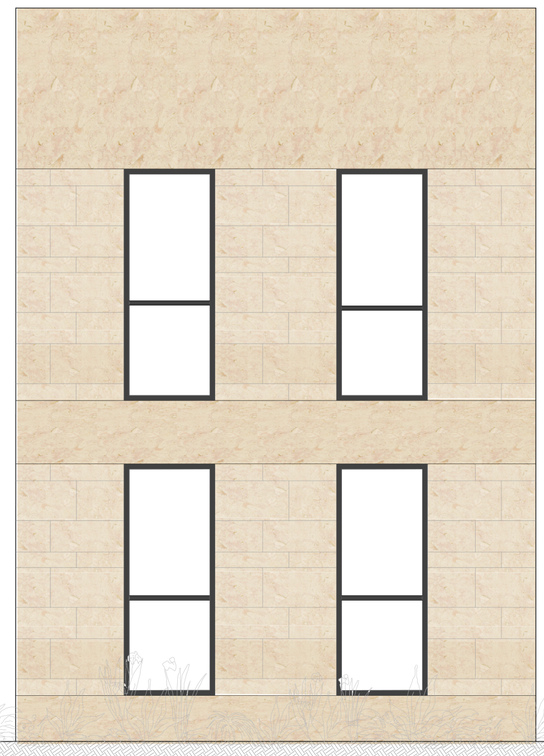
A partamento Privado





Laje de pavimento: Quarto
1. Acabamento soaho madeira
2. betunilha de regularização
3. argamassa de enchimento
4. Laje fungiforme aligeirada
5. Tecto falso

Parede Exterior
1. Reboco
2. Alvenaria Tijolo
3. Sistema ETICS
3.1. Argamassa colagem isolameto térmico
3.2. isolamento térmico
3.3. Revestimento argamassado delgado
4. Membrana resistente à agua
5. Perfis de aluminio fachada ventilada
6. Revestimento em Pedra Lioz Beje



Laje Térrea
1. Acabamento soalho de madeira
2. Betunilha de regularização
3. Argamassa de enchimento
4. Betão
5. Tela pitonada com geotextil
6. Tout venant
7. Enrocamento

Fundação
1. Betão
2. Tela impermeabilizante
3. Tela pitonada com geotextil
4. Tubo de drenagem
5. Enrocamento
6. Tout Venant
7. Gravilha

08

Plantas de Tipologias 1/100

Planta, corte e alçado 1/50

Entre Fragmentos

Residência de estudantes enquanto elemento de integração, no baluarte, da frente ribeirinha de Setúbal

Orientação Científica:
Professor Doutor Pedro Rodrigues

Marta Silva Pereira | 20161099 | Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitectura